This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

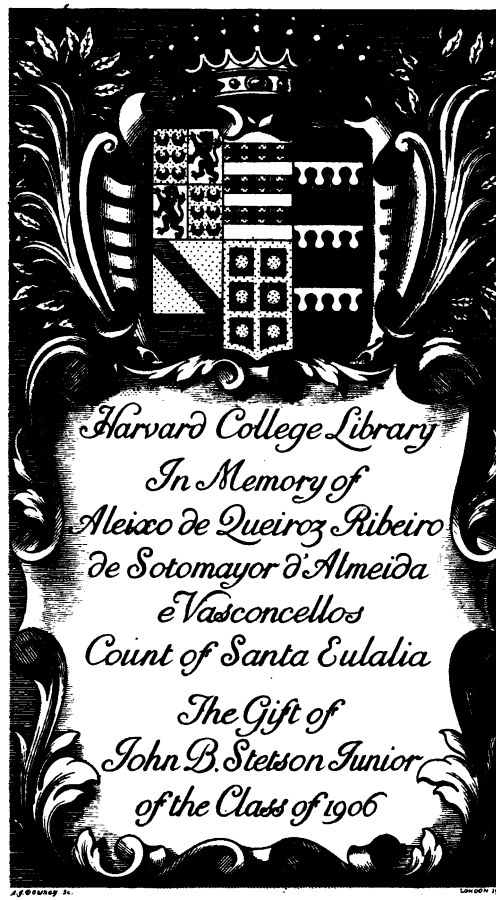
We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Port
5998
75.315



O PEDREIRO LIVRE

O PEDREIRO LIVRE

DRAMA EM QUATRO ACTOS

POR

A. M. DA CUNHA BELLEM

deputado da nação portugueza
socio correspondente de primeira classe da Academia Real das Sciencias
socio da Sociedade de Geographia de Lisboa
bacharel formado em medicina e cirurgia pela universidade de Coimbra
cirurgião mór do exercito, sob-chefe da sexta repartição do ministerio da guerra
condecorado com a medalha de comportamento exemplar
commendador das ordens de Carlos III e de Isabel a Catholica de Espanha
cavalleiro da ordem da Corôa da Prussia e da imperial ordem da Rosa do Brazil
Gr.·. secretario das relações ext.·. do Gr.·. Oriente Lusitano Unido Sup.·. Conselho da maçonaria portugueza
membro effectivo e secretario do Supremo Conselho do grau 33.º
Gr.·. orador da Gr.·. Loja, veneravel da respeitavel loja capitular Esperança
dignitario e membro honorario de differentes lojas do circulo, e representante
do Supremo Conselho de Inglaterra, Paiz de Galles e dependencias da Corôa britannica,
do Supremo Conselho de jurisdicção do sul dos Estados Unidos da America (Boston)
do Gr.·. Oriente dos Paizes Baixos, da Gr.·. Loja Real York á Amisade, da Prussia, e Gr.·. Loja do Tennessee
membro honorario do Gr.·. Oriente Supremo Conselho do Brazil
redactor fiscal do Boletim Official da Maçonaria Portugueza
redactor principal da Revolução de Setembro, redactor da Gazeta dos Hospitaes Militares
ex-redactor do Escoliaste Medico

LISBOA
IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES
65, RUA DA ATALAIA, 67
1877

~~Port 5998.75.318~~

Port 5998.75.315

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, JR.

9 DEC 1924

A TODOS OS MAÇONS PORTUGUEZES

Nasceu a idéa d'esta obra no desejo de patentear á sociedade os verdadeiros intuitos e nobres fins, em que se empenha actualmente a maçonaria, dissipando os preconceitos e os erros, que adrede propalam e sustentam contra ella os seus inimigos, os que não querem nem a consciencia livre, nem o espirito esclarecido, nem a razão soberana, preferindo a ignorancia e a servidão moral do povo. Se a execução não correspondeu á alteza do intento, foi culpa da escassez do engenho e não da tibieza da vontade do auctor. Tal como é, a peça foi accolhida com generosa benevolencia no palco por aquelles que perfilhavam e applaudiam a sua doutrina; mas não souberam elles alli vencer a indifferença de muitos e a má vontade de alguns, e por isso, não como ostentação de vaidade, mas como cumprimento de dever, se publíca o drama agora, para manter a affirmação dos principios n'elle sustentados, para que a critica reflectida e serena, a critica moral, que a litteraria pouco tem a fazer em trabalho de tão curto merito, julgue e sentenceie, e para que os que apenas por falta de esclarecimentos condemnam de leve a maçonaria, possam ajuizar com conhecimento de causa e aprender na lição de factos irrecusaveis qual a missão que ella, na sua modestia, procura desempenhar no meio da civilisação, nas relações affectuosas entre todos os paizes do mundo, diffundindo a instrucção e a esmola, quebrando as algemas da ignorancia e da miseria, e ensinando o santo principio da fraternidade humana.

Para os que por acinte e com firme proposito condemnam e combatem a maçonaria, não escrevemos nós, porque esses tornou-os impenitentes o interesse, o despeito, a obsecação ou o fanatismo. Têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem.

Dos maçons sabemos previamente que terá bom e affectuoso accolhimento este livro; possa elle tel-o egualmente de todos os espiritos esclarecidos, rectos e probos, fóra da familia maçonica, e não queremos, nem precisamos maior galardão para a nossa obra.

Lisboa 1 de julho 1877.

A. M. da Cunha Bellem.

PERSONAGENS

Victor de Castro	Actor	Polla
Leopoldo de Castro	»	Brazão
Padre Manuel	»	Feereira
Padre Francisco	»	J. d'Almeida
Angelo Gouveia	»	Eloy
Ricardo da Silva	»	Bayard
Sebastião de Lemos	Actriz	D. Elisa
D. Deolinda	»	D. M. das Dores
D. Cassilda	»	D. Emilia dos Anjos
D. Victorina	»	D. Jesuina
Um creado	Actor	Farrusca
Um francez	»	N. N.
Um inglez	»	N. N.
Um italiano	»	N. N.
Um espanhol	»	N. N.

Um menino, uma menina, e educandas do asylo

Lisboa — actualidade

ACTO I

Sala elegantemente mobilada, mas sem opulencia. Porta ao fundo e lateraes

---

SCENA I

Angelo e Leopoldo

Angelo

É mulher fascinadora e atraz de quem tem chorado mais de uma duzia de admiradores.

Leopoldo

É então relação nova da minha familia essa tal D. Cassilda, de que tanto me fallas?

Angelo

É.

Leopoldo

Eu não a conheço. É facto posterior á minha saída.

Angelo

Relação tomada por intermedio da Victorina, d'aquella eterna Victorina...

Leopoldo

Bem sei! E como está ella?

Angelo

Cada vez mais beata.

Leopoldo

Então a D. Cassilda tambem pecca?...

Angelo

Nada! Convive muito com a velha, mas não lhe apanhou as manhas. É mulher de idéas muito livres.

Leopoldo

Leviana?...

Angelo

É difficil de responder a essa pergunta. A D. Cassilda, na flôr da edade, viu-se casada com um velho moribundo...

Leopoldo

E habilita-se á excellente posição de viuva nova.

Angelo

O velho tem ateimado a viver mais do que se esperava.

Leopoldo

E ella no entanto...

Angelo

Diverte-se e leva da melhor maneira a cruz do matrimonio. Acceita a uns a côrte que lhe fazem, a outros despresa-a.

Leopoldo

Essa desegualdade é revoltante.

Angelo

Mas não consta nada de maior em seu desabono. É o que se póde chamar uma senhora coquette.

Leopoldo

A que tu rendes tambem as tuas homenagens, maganão!

Angelo

Não te nego que...

Leopoldo

E és dos escolhidos ou dos regeitados?

Angelo

Mau! que perguntas muito! Se ella enviuvasse, não se me dava de ser o preferido para segundas nupcias.

Leopoldo

Homem! isso é que é deitar vistas ao largo.

Angelo

Ella ha de ficar com uma fortunasinha muito redondinha.

Leopoldo

Ah! então namoras-lhe os haveres?

Angelo

Eu não compreendo o casamento senão com uma senhora rica; e depois esta junta á riqueza a formosura. É d'estas mulheres, a que foi moda chamar mulheres fataes.

Leopoldo

Que produzem a embriaguez como o *haschich* dos arabes, trazendo o embrutecimento entre voluptuosos deleites, a cuja attracção não foge quem uma vez os provou.

Angelo

Parece que fallas por experiencia.

Leopoldo

Pois enganas-te. Como sabes, a minha vida tem-se passado mais no mar do que em terra, e alli, entre duas immensidades, contemplando as grandezas infinitas da creação, nas profundas solidões das aguas, em longas noites, a sós com a minha consciencia, em contacto directo com o sublime creador dos mundos, sem carecer de medianeiros para que o compreenda e aprecie, tenho reflectido sobre mim mesmo, tenho estudado maduramente todos os sentimentos e impulsos da minha alma, tenho formado mil diversas perguntas á minha indole, e acabei por concluir que nunca cederia á fascinação de um d'esses amores bastardos, que se não podem confessar francamente. Deixa-me usar de uma phrase de marinheiro. Estou blindado contra os projecteis do amor.

Angelo

Bem se vê que não conheces a D. Cassilda. Acautela-te com o olhar d'ella, que te póde deitar por terra as theorias.

Leopoldo

Que disparatada insistencia! Parece que desejas provocar-me a uma experiencia, que te seria desagradavel decerto, pelo que dizes.

Angelo

Não! lá isso não tinha graça! Nem fallemos mais em tal.

Leopoldo

Já te desperto ciumes?

Angelo

Tambem não chega a tanto; mas bem vês que uma viuva rica...

Leopoldo

Viuva que ainda tem o marido vivo.

Angelo

Mas que tem de vida só o sufficiente para que outro lhe não possa casar com a mulher.

Leopoldo

É quanto basta.

Angelo

Por mezes, por dias, e até talvez por horas.

Leopoldo

Como trazes isso contado!

Angelo

A previdencia nunca fez mal.

Leopoldo

Pois desejo conhecer essa fascinação extraordinaria.

Angelo

Não tardará; que ella deve cá vir hoje.

Leopoldo

O que explica a tua visita.

Angelo

Não envenenes o que é da maior innocencia. Vim apenas

por cumprimentar tua irmã. Essa é que é uma excellente menina.

Leopoldo

Assim o julgo, mas eu sou suspeito.

Angelo

A sr.ª D. Deolinda é de uma candura, de uma bondade...

Leopoldo

Mas minha irmã tem um grande defeito para os homens que, como tu, gostam das Cassildas.

Angelo

Qual?

Leopoldo

É ser pobre.

Angelo

O que não impede que se lhe admirem as excellentes qualidades. Mas a modo que vaes fallando muito na Cassilda.

Leopoldo

Confesso que tenho desejo de a conhecer. Não te sobresaltes porém. A proposito de amores, posso paraphrasear o celebre dito de Napoleão: ainda está por fundir a bala que me ha de matar.

SCENA II

Os mesmos e Cassilda

Cassilda

Eu entro com a semcerimonia de amiga antiga. Velha não, que me não quero ainda ter n'essa conta... para não offender a Deolinda. Onde está ella? Peço perdão se os vim interromper. (A Angelo.) Sr. Gouveia!

Angelo

Minha senhora!

Cassilda (reparando em Leopoldo)

Pelo que vejo é este cavalheiro o irmão da minha amiga?

Leopoldo

Que tem a honra de cumprimentar a vossa excellencia.

Cassilda (estendendo a mão a Leopoldo)

E a quem offereço desde já a minha amisade.

Leopoldo

Que eu acceito, reconhecido.

Angelo

Que te parece?

Leopoldo

É formosa, sem duvida.

Angelo

Já estás encantado?

Cassilda

Ai! mas eu vim interrompel-os. Dois amigos que de ha muito se não vêem têem sempre tanto que dizer...

Angelo

Conversavamos a respeito de vossa excellencia.

Cassilda

Sim? Era eu o assumpto da palestra? E que diziam de mim? Especialmente o sr. Castro, que me não conhece?

Leopoldo

Escutava o meu amigo, que prestava justa homenagem aos encantos de vossa excellencia.

Cassilda

E eram só elogios? Não havia censura alguma entremeiada?

Angelo (a Leopoldo)

A modo que te vaes requebrando muito.

Leopoldo (a Angelo)

Espera, que eu te tranquilliso. (Alto.) É difficil de responder a vossa excellencia, quando se sabe que o sol tambem tem manchas.

Angelo (a Leopoldo)

Isso! isso!

Cassilda (levemente offendida)

Ninguem resume mais galantemente uma amabilidade e uma censura.

Leopoldo

Peço perdão...

Cassilda

Já vejo que o sr. Castro se havía constituido meu adversario.

Leopoldo

Mas adversario leal.

Cassilda

A que eu mesmo acabo de dar armas contra mim, n'este modo um pouco extravagante de travar relações. Diga-me, não é verdade?

Leopoldo

Vossa excellencia colloca-me n'um embaraço cruel para lhe responder.

Cassilda

Vê!? adivinhei! Eu adoro a franqueza.

Leopoldo

Mesmo quando é rude?

Cassilda

Ainda assim! Vossa excellencia fez-me uma declaração de guerra; acceito-a, apezar da convicção em que estou de que serei vencida!

Leopoldo

Sob essa modestia, quem sabe se se occultará um grande orgulho!

Cassilda (rindo)

É audacioso! Encontra-me fraca; que posso eu, senão capitular?

Leopoldo

As senhoras formosas não capitulam nunca.

Cassilda

Lisongeiro! Ainda havemos de firmar tregoas...

Angelo

O inimigo arvora bandeira branca!

Cassilda

Para firmarmos tratado de paz como bons e leaes amigos.

Leopoldo

E se eu ousar dizer a vossa excellencia que sou difficil em dar a minha amisade.

Cassilda (com impeto)

É de mais! Este homem humilha-me!

Angelo (a Cassilda)

É genio e indole. No fundo é excellente rapaz.

Cassilda (retomando o tom de bom humor, a Leopoldo)

Então que é isso, ficou triste? Confesso-me vencida, e nem a victoria o alegra?

Leopoldo

Só tenho que contristar-me se na minha rudeza lhe fui desagradavel, minha senhora.

SCENA III

Os mesmos, Victor e padre Manuel

Padre Manuel

Ora venha de lá esse abraço, homem! A apostar que já me não conhece.

Victor

Sr.ª D. Cassilda, minha senhora.

Cassilda

Sr. Castro!

Leopoldo

Confesso a fraqueza da minha reminiscencia de physionomias... não me recordo.

Padre Manuel

Pois somos amigos velhos! muitas vezes brincou sobre os meus joelhos em pequeno. Ó Victor, e o caso é que o teu rapaz saiu um esbelto moço.

Victor

Se o amor de pae me não illude, tenho-o n'essa conta; mas ainda mais, do que por isso, o aprecio pelas boas qualidades, que sempre lhe tenho encontrado.

Leopoldo

Favores, que a bondade de meu pae me prodigalisa, vendo em mim um pallido reflexo do seu elevado caracter!

Padre Manuel

E deve ser agradavel ter um filho, vêl-o assim n'uma bonita posição, e poder dizer com orgulho—eu sou seu pae!

Victor

Gloria a que os sacerdotes catholicos não podem aspirar, não sei se por justa ou por injusta resolução da egreja.

Padre Manuel

Não discutamos agora. Especialmente na presença de senhoras.

Victor

É verdade! E vossa excellencia aqui só! Prefere certamente a companhia da Deolinda ás nossas. Quer que a mande chamar?

Cassilda

Se me permitte irei ter com ella.

Victor

Como vossa excellencia queira, minha senhora.

SCENA IV

Victor, Angelo, Leopoldo e padre Manuel

Leopoldo

Evocando as minhas reminiscencias, recordo-me agora vagamente de um ecclesiastico com quem meu pae convivia.

Victor

E que foi meu companheiro d'armas, n'aquelles gloriosos tempos das campanhas da liberdade. Lembras-te, ó padre Manuel?

Padre Manuel

Se lembro! Foram bons tempos esses. Palmilhámos muita legua atraz d'aquelles malditos, e entrámos muita vez em fogo. Mas então pelejava-se por uma idéa santa.

Victor

Por um grandioso principio, de que muitos dos proprios se esqueceram depois. Tu e eu que os conhecemos...

Padre Manuel

É verdade! São leis do mundo. Ha muito quem cante conforme lhe tocam.

Victor

Olha, lá, d'entre os da tua classe, quantos ha por ahi em boas posições, hostilisando essa mesma liberdade, em favor de que pelejaram.

Leopoldo

Se o fanatismo arregimenta o clero!

Victor

O padre Manuel é uma excepção, que felizmente não é unica. Ordenando-se para satisfazer desejos da familia, viu-se ao abrigo de dependencias com os haveres do seu patrimonio, e com os seus largos creditos como professor de piano e canto; e assim, sem ter de sacrificar a sua consciencia á conquista de alguma vigairaria, curato ou parochia, nem de lisongear os prelados para obter as bôas graças, poude ser padre sem deixar de ser liberal convicto, padre exemplar, padre christão, semeando a caridade, o conselho, o conforto, a moralidade, e a instrucção, despido de todas as idéas de fanatismo, de todos os preconceitos reaccionarios, de todas as torpezas que maculam a sublime religião do crucificado, do glorioso martyr da liberdade humana, tantas vezes invocado pelos algozes d'ella!

Leopoldo

Eu já apreciava a vossa excellencia pelo titulo de amigo

de meu pae, agora mais o aprecio pela descripção do seu caracter e offereço-lhe cordealmente a mão de amigo.

Padre Manuel

Que eu acceito affectuosamente. Bom ou mau, já agora não mudo de systema, e como o outro que diz, não descambo nem um apice para a direita nem para a esquerda.

SCENA V

Os mesmos, Deolinda e Cassilda

Deolinda

Ó meu papá. Está lá fóra alguem que deseja fallar-lhe.

Victor

E quem é?

Deolinda

O sr. padre Francisco que acompanha... (a Cassilda.) Quem é que elle disse que acompanhava?

Cassilda

Um mocinho muito escorrido, muito acanhado e muito esquisito.

Victor

Ah! já sei! O Sebastião de Lemos, filho de um velho amigo meu. Manda entrar, minha filha, manda entrar. (Deolinda sáe, depois de terem trocado os cumprimentos do estylo ella, padre Manuel e Angelo.)

SCENA VI

Victor, Leopoldo, Angelo, padre Manuel e Cassilda

Angelo

Como está distraida! Não tira os olhos do Leopoldo!

Cassilda

Ah! Aquelle homem irritou-me os nervos! Fez-me mal! Detesto-o!

Victor

Feliz coincidencia! Reune-se-me a familia, e acercam-se os antigos amigos.

Leopoldo (que tem estado a conversar com o padre Manuel)

Sabe, meu pae, que tem um sincero admirador no sr. padre Manuel?

Victor

Sei! é um amigo provado e reconhecido.

Leopoldo

Só uma coisa lhe não perdôa. E admira em espirito tão liberal e esclarecido.

Victor

Bem sei. É contenda antiga.

Padre Manuel

Isso é que nunca poude levar-lhe á paciencia. Andar mettido n'essa maldita seita.

Victor

Não julgues sem conhecimento de causa. Um dia virá...

Padre Manuel

Não! para alli não me levas tu!

Victor

E nós a caturrarmos outra vez... esquecidos de que a presença de uma senhora impõe deveres de amabilidade.

Padre Manuel (rindo)

O sr. Gouveia é que não tem esquecido esse dever.

Angelo (a Cassilda)

E porque cruza constantemente o seu olhar com o d'elle?

Cassilda

Tenho ouvido dizer que é dever de bom jogador de armas... e nós travámos duello.

Leopoldo (que se tem aproximado)

De morte?

Cassilda (coquette)

A todo o transe; sem tregoa nem mercê.

Leopoldo

Creio que terei de depôr as armas!

Cassilda (rindo)

Ai! o valente que já pede misericordia! o heroe baixou ao nivel do vulgar!

SCENA VII

Os mesmos, Deolinda, padre Francisco e Sebastião

Deolinda

Tem a bondade de entrar.

Padre Francisco

Deus seja n'esta casa.

Victor

Se me não engano, é o capellão da sr.ª D. Josepha?

Padre Francisco

Que tem a honra de apresentar a vossa senhoria os respeitos d'aquella virtuosa senhora, e ao mesmo tempo confiar-lhe o menino, que vem a Lisboa completar os seus estudos, não por meu conselho decerto, mas por vontade materna.

Victor

O meu Sebastiãosinho será bem vindo, e encontra aqui braços abertos para o receberem, como outr'ora recebiam seu pae.

Sebastião (muito acanhado)

Muito obrigado! Eu...

Victor (ao padre Francisco)

Então fica por muito tempo a fazer companhia ao seu discipulo, sr. padre mestre?

Padre Francisco

Não será por meu desejo. Deus me defenda de viver por muito tempo n'esta cidade corrompida, em que os espiritos se pervertem, em que se criam impios, atheus... e até pedreiros livres!

Leopoldo (rindo)

Devem ser animaes ferozes os taes pedreiros livres! Não acha, sr. padre Francisco?

Padre Francisco

Oh! decerto! Por elles vem todo o mal ao mundo. Eu sempre tenho recommendado ao meu discipulo...

Victor

Que fuja d'elles?

Padre Francisco

Certamente!

Leopoldo (rindo)

Mas o peior é que elles não se conhecem pelas caras.

Padre Francisco

Oh! O peccado, um peccado tão abominavel como aquelle, por força ha de marcar com o ferrete os que o praticam.

Victor (ao padre Manuel)

O sr. padre Francisco vae mais longe do que tu, padre Manuel! É intransigente.

Padre Francisco

Sem duvida! Os livros santos condemnam os pedreiros livres.

Victor

Onde? se faz favor de me dizer?

Padre Francisco (embaraçado)

Onde? Ora! em cada pagina!

Victor

Naturalmente no capitulo terceiro do livro de Ruth ou no livro terceiro dos Reis!

Padre Francisco (muito embaraçado)

De Ruth... dos Reis... ha de ser isso! é isso com certeza.

Leopoldo

E vossa reverendissima tem educado o seu discipulo n'essas santas doutrinas?

Padre Francisco

Podera não!

Leopoldo

E já o fez ler a Biblia e entendel-a?

Padre Francisco

Lá isso não senhor! Sabe o cathecismo de cór; é quanto basta!

Victor

Eu tambem acho! E tu, padre Manuel?

Padre Manuel (ligeiramente ironico)

Eu, a respeito de cathecismo, só acho que oito bemaventuranças são de mais. Se ficassem só em sete, era bastante.

Padre Francisco (espantado)

Essa agora! meu collega.

Cassilda (a Sebastião, que tem estado muito admirado)

Então o meu menino gosta de Lisboa?

Sebastião

Eu não sei, minha senhora!

Cassilda

Mas que impressão recebeu ao entrar na cidade?

Sebastião

Eu nenhuma!

Deolinda (ao padre Francisco)

E o sr. padre Francisco é a primeira vez que vem a Lisboa?

Padre Francisco

Por mal de meus peccados!

Deolinda

Porque?

Padre Francisco

Ai! minha senhora! Quando vi pela primeira vez o caminho de ferro nas Devezas a vomitar fumo e fogo e com um olho muito vermelho e muito aberto.

Deolinda

O que lhe aconteceu?

Padre Francisco

Vi logo que aquillo era obra de Satanaz. O demonio apoderou-se d'este mundo, que já teria sido reduzido a cinzas, se não fossem as orações de algumas almas piedosas, que contêem a cólera de Deus.

Leopoldo

Ó sr. padre Francisco! parece-me que está a dizer uma heresia! Olhe que o patriarcha em pessoa benzeu a primeira locomotiva.

Padre Francisco

Credo! Lá isso é possivel? Ai Deus da minha alma, quando começámos a andar por debaixo da terra, imaginei que era o démo que me arrastava para as profundas dos infernos, e encommendei a minha alma a Deus, resando os exorcismos até tornar a vêr a luz.

Victor

Nós temos abusado de mais do praser da conversação. O sr. padre Francisco chega de jornada, e ha de precisar de descançar e o Sebastiãosinho tambem.

Padre Francisco

Eu preciso resar as minhas orações, e uma promessa, que fiz, se chegassemos a porto e salvamento.

Victor

Ha de querer lavar-se.

Padre Francisco

Não! Lá isso é que é escusado. Lavámos esta manhã os olhos no... no... como é, menino?

Sebastião

No entroncamento, sr. padre Francisco.

Padre Francisco

É isso! No entroncamento!

Leopoldo

E seguramente precisam tomar alguma coisa.

Padre Francisco

Elle, a fallar a verdade, venho a cair de debilidade. Só no entroncamento é que comi! Comi bem, Deus louvado! mas não me deram tempo para mais. Começaram a chamar!

Cassilda (a Deolinda)

O entroncamento era perto a respeito de lavagens, mas a respeito de refeições já fica muito longe.

Deolinda

Eu parece-me que a falta de aceio e a ignorancia andam sempre de mãos dadas.

Victor (que se tem aproximado)

Seguramente! a ignorancia é a immundicie do espirito!

Padre Francisco

Elles estão a fallar de nós?

Victor

Vamos pois leval-os aos seus quartos. Leopoldo, acompanha o sr. Sebastião de Lemos, que eu encaminho o senhor padre mestre. (Saem os quatro.)

SCENA VIII

Angelo, padre Manuel, Deolinda e Cassilda

Angelo (a Cassilda)

Não tira os olhos d'elle!

Cassilda (zangada)

É de mais! Olhe, se quer, suicide-se, para eu acreditar

no seu desespero! (N'outro tom.) Ó Deolinda, sabes o que eu estava a pensar?

Deolinda

O que? menina!

Cassilda

Que era um bello noivo que se te apresenta sob a figura esguia d'aquelle Sebastião, tão pudico e recatado, que difficil seria encontrar noiva a quem elle não disputasse a primasia de levar a grinalda de flôr de larangeira!

Deolinda

Pobre rapaz! Como tem asphyxiado o espirito! E haver padres assim! Desculpe-me, senhor padre Manuel.

Padre Manuel

Este ainda não é dos peiores. É ignorante apenas.

Deolinda

Mas essa ignorancia, que n'outros seria inoffensiva, n'um sacerdote é semente fecunda, que se propaga no povo.

Angelo

A sr.ª D. Deolinda pensa muito acertadamente.

Cassilda

Deixa lá o padre! Que te importa a ti se elle sabe onde tem a mão direita? A proposito de mão direita. Que dirias tu, se aquelle fôsse um noivo enviado do céu?

Deolinda

Teria o trabalho de o recambiar para o céu, devidamente acondicionado e estampilhado, para que se não estragasse, nem perdesse.

Cassilda

Tu és uma rapariga exquisita, não pensas em casar.

Deolinda

É que sou difficil na escolha.

Angelo

Só por esse motivo. Que não seria difficil ser escolhida. (Deolinda fica enleiada.)

Cassilda

Ai! como está galanteador! Querem lá vêr que se habilita.

Deolinda (vivo)

Estás sempre a brincar! Não se dizem essas coisas!

Ângelo

Não me habilito, minha senhora. (Com intenção para Cassilda.) Eu fiz voto de não casar.

Cassilda (epigrammatica)

Senão com mulher rica! É a moda!

Deolinda (angustiada e contendo a sua manifestação)

Realmente! a mulher pobre deve ficar para tia.

Padre Manuel

Com excepção das bonitas!

Cassilda

E tu não tardas a ter sobrinhos. Teu irmão é um interessante rapaz.

Angelo

Já cá faltava o elogio!

Cassilda

É sincero. (Reparando.) Ai! quem alli vem! a D. Victorina!

Deolinda

A sr.ª D. Victorina!

SCENA IX

Os mesmos, e Victorina

Victorina

Eu mesmo, que soube da chegada do seu mano, e vim logo dar-lhe os parabens.

Deolinda

Que nós agradecemos muitissimo.

Victorina

Elle está em casa?

Deolinda

Está! Não tarda ahi.

Padre Manuel

A sr.ª D. Victorina está mal comigo? não se digna volver para mim os olhos compadecidos?

Victorina

E não! Estes chamados padres liberaes, que não servem a Deus nem ao diabo, são para mim pessoas de particular antipathia. Já lh'o tenho dito muita vez.

Padre Manuel

Com adoravel franqueza, minha senhora.

Cassilda

Pelo que vejo, prefere os que servem só... ao diabo.

Victorina

Eu não, menina! que está a dizer? mas um padre temente a Deus, como o meu santo confessor. Isso sim! é que é um exemplar de virtudes... que acredita e faz a gente acreditar nos milagres.

Deolinda

Se nós fallassemos n'outro assumpto.

Victorina

Isto a mocidade está pervertida! nem já gosta de ouvir fallar em religião.

Deolinda

É-me sempre agradavel a sua conversa, minha amiga! mas...

Victorina

Tem medo que se desgoste o sr. padre Manuel! que pena!

Padre Manuel

Eu vou deixal-as na paz do Senhor. Tenho de dar umas voltas até á hora do jantar.

Angelo

E eu acompanho-o.

Victorina

Vae na companhia d'elle? Olhe que o perverte.

Padre Manuel

Vamos experimentar, sr. Gouveia?

Angelo

Estou ás suas ordens! Minhas senhoras. (Despedindo-se.)

Deolinda

Então já se retira?

Angelo

É forçoso. (A Cassilda.) Vossa excellencia demora-se?

Cassilda

Passo o dia. (Rindo.) Mas vou dar-lhes a honra de os acompanhar até aos extremos dominios d'este castello. Impaciento-me de estar muito tempo no mesmo logar.

Angelo

Que extrema amabilidade. (Saem os tres. Deolinda segue Angelo com a vista.)

SCENA X

Deolinda e Victorina

Victorina

Estimo bem que nos tivessem deixado sós, menina. Então como vamos? as coisas continuam no mesmo estado?

Deolinda

E continuarão. Nem podem deixar de continuar.

Victorina

E gosta verdadeiramente d'aquelle homem?

Deolinda

Gosto! Não o nego. É a sr.ª D. Victorina a unica pessoa que o sabe. Elle proprio o ignora e ignorará sempre. Parece-me que tem tão bom caracter! é tão amigo do Leopoldo!

Victorina

Mas isso ha de ter remedio, deixe! Porque se não pega com Deus? porque não faz uma promessa? Se quer, mando-lhe cá o meu padre confessor, que lhe ensina umas orações, e lhe dá uns bentinhos...

Deolinda

Não, minha senhora. Respeito muito a Deus, fórmo d'elle uma idéa muito sublime, para que ouse querer envolvel-o nos meus interesses particulares.

Victorina

Ó menina! Olhe que a companhia de Deus é boa em todos os negocios.

Deolinda

Mesmo nos illicitos?

Victorina

Hein?

Deolinda

Sim! Pergunto se havia de recorrer ao auxilio divino, ainda quando acreditasse que elle se dignava baixar até aos meus negocios mais intimos, para lhe pedir a esmola da affeição de um homem, que nem sequer attenta em mim, e que, se soubesse que o distingo com a minha estima, isso bastaria para ser humilhada a seus olhos!

Victorina

Ora adeus! O Angelo tem aquella mania de casar rico, e por isso anda a chorar atraz da Cassilda, na esperança de que o marido morra depressa.

Deolinda

Não creio que o Angelo tenha taes planos, que seriam na realidade condemnaveis. É amigo da Cassilda, que é uma excellente menina, e mostra-lhe uma amabilidade de mero galanteio.

Victorina

Mas ella não lhe dá importancia nenhuma, e o marido vae vivendo que é um gosto.

Deolinda

E Deus o avivente, para amparo de sua mulher!

Victorina

Isso! queira-lhe bem! Tambem é o que falta. Ser por causa d'ella que o homem de quem gosta anda com a cabeça á roda e... Ai! É mesmo como o senhor seu pae, para quem não ha resentimentos, nem rancores. Deus os fez, Deus os ajuntou. São mesmo dois paz-d'alma.

Deolinda

Se é esta a nossa religião!

Victorina

Eu tambem tenho religião; mas uma coisa assim nunca se viu. Eu hei de dar um remedio a isso! deixe!

Deolinda

Peço-lhe...

SCENA XI

Os mesmos, Cassilda e Leopoldo

Leopoldo (que vem conversando muito animadamente com Cassilda)

Já sabia que vossa excellencia estava cá, e corri ao seu encontro. Venho encontral-a em felicissimas disposições. Parece que os annos, que tão rapidos correram para mim, lá por fóra, não correram para vossa excellencia.

Victorina

Isso é dos seus bons olhos! Ora muito estimo vêl-o! E como está bello! benza-o Deus! Acredite que já tinha saudades suas!

Leopoldo

Acredito!

SCENA XII

Os mesmos, um creado e Ricardo

Creado

O sr. Victor de Castro deu-me ordem para dizer a vossa excellencia que elle vinha já, se tinha a bondade de esperar um instantinho.

Ricardo (passeiando agitado)

Minhas senhoras!

Leopoldo

Vossa excellencia não se quer sentar?

Ricardo

Infinitamente agradecido.

Deolinda

Talvez tenham que fallar a sós. (A Cassilda e Victorina.) Querem vir para o meu gabinete, minhas amigas?

Cassilda

Pois sim! Vamos!

Victorina

O que virá este homem cá fazer?

Cassilda

E que temos nós com isso?

SCENA XIII

Os mesmos e Victor

Victor

Peço perdão de o ter feito esperar. Estou ás suas ordens.

Deolinda

E nós retiramo-nos.

Victorina

Sim! porque nós não temos curiosidade de saber...

Cassilda (a Leopoldo)

Vem tambem?

Leopoldo

Vou... para lhe affirmar, que vossa excellencia ou é um anjo, ou um demonio...

Cassilda

Ou talvez ambas as coisas... partilho das duas essencias. Ah! ah! ah! (Saem todos quatro.)

SCENA XIV

Ricardo e Victor

Ricardo

Creio que me conhece?

Victor

Perfeitamente.

Ricardo

E tem-me por um homem de bem?

Victor

Sem duvida alguma.

Ricardo

Pois venho, n'uma situação embaraçosa, recorrer a vossa excellencia.

Victor

Estou ao seu dispor no que lhe fôr prestavel.

Ricardo

Preciso, mas preciso infallivelmente, e dentro de duas horas, cem libras.

Victor

Cem libras! mas...

Ricardo

É uma conta exagerada, bem sei. Mas, se a não obtiver, perco o meu emprego... e vejo-me reduzido ao desesperado expediente de dar um tiro na cabeça para não ser deshonrado!

Victor

Oh! senhor! mas isso é horrivel. Eu não sei!...

Ricardo

Sabe que sou maçon?

Victor

De o ouvir dizer.

Ricardo

Aqui está o meu diploma.

Victor

É legal.

Ricardo

Nunca recorri aos cofres da ordem. Recorro agora n'este triste apuro. Espero que me não neguem a protecção!

Victor

Inda bem que a desgraça lhe bateu á porta, para que o irmão se lembrasse que era maçon. Ha quantos annos não vae á sua loja?

Ricardo

Eu?... É verdade, tenho-me descuidado...

Victor

Nos trabalhos ninguem o vê. Os outros obreiros que juntem laboriosamente as migalhas, que hão de depois semear nos fructos abençoados da caridade, os outros obreiros que lutem porfiosamente em rasgar as trevas da ignorancia, em diffundir a instrucção, em guiar a infancia, em combater a reacção...

Ricardo

É justa a censura; mas eu nunca pensei que chegasse a precisar.

Victor

Oh! detestavel egoismo! Pois não precisamos nós todos de auxiliar-nos no empenho de repartir o pão do corpo e o pão do espirito, de quebrar as duas algemas que mais opprimem a humanidade: as da miseria e as da ignorancia?

Ricardo

Tem rasão talvez; mas palavras não resolvem a minha situação desesperada. Fallei-lhe com o coração nas mãos. Venho pedir-lhe a vida, o futuro dos meus filhos, a felicidade da minha familia!

Victor

Quem ousa fallar em morte? Não lhe ensinaram na iniciação que devia fortalecer o animo contra os revezes, e que, assim como devia voar em soccorro dos seus irmãos, os encontraria tambem sempre promptos a correr em seu auxilio?

Ricardo

Oh! senhor! eu não sei o que me ensinaram! eu não sei

senão que tenho a desgraça a bater-me á porta, e o tempo a correr. Esgotei todos os recursos, todos! Este é o ultimo. Estou prompto a passar a declaração legal, que me exigirem, a pagar o juro que fôr devido...

Victor

O sr. Ricardo da Silva procura-me como irmão, ou como agiota?

Ricardo

Procurei-o como secretario do Grande Oriente, que me póde resolver este negocio em minutos, como é indispensavel. Creio que a ordem deve proteger os seus filhos.

Victor

Mesmo os ingratos. Deve, e não se recusa a isto. Tenho-o por um homem de bem, que não vem illudir-me. Sabe que eu não tenho recursos proprios, e que pelo Oriente só ámanhã se poderia obter a quantia que precisa.

Ricardo

Mas isso é o mesmo que não me servir.

Victor

Não! a excellencia da maçonaria é esta! Reuniremos todos os esforços. Meu filho, que tambem é maçon, vae auxiliar-nos. (Chegando á porta e chamando.) Ó Leopoldo!

Ricardo

Conto que este caso se não divulgue, porque vae n'isso a principal parte do favor.

Victor

Sabe qual é o preceito da ordem!...

SCENA XV

Os mesmos e Leopoldo

Leopoldo

Chamou-me, meu pae?

Victor

Um irmão nosso está n'um grande apuro e carece de cem libras immediatamente. Precisamos arranjar-lh'as para lh'as mandar por este nosso irmão. Com quanto podes concorrer?

Leopoldo

Tenho talvez umas vinte libras, que estão ao dispôr do nosso irmão.

Victor

Eu poderei juntar quarenta. Ainda falta. Ah! Tua irmã, que é filha adoptiva da nossa loja, vae auxiliar-nos.

Leopoldo

Volto n'um instante, e chamo-a de caminho.

Victor

E eu vou tambem reunir o dinheiro, que tenho em casa. (Saem.)

SCENA XVI

Ricardo e depois padre Francisco

(Ricardo passeia agitado por muito tempo sem reparar em padre Francisco)

Padre Francisco

Ah! merendei como um abbade! É boa cosinha, sim senhor! Ora viva! meu senhor, muito boas tardes, tambem é cá de casa? Viva! O senhor tem alguma coisa, que lhe dê cuidado! Olhe, pegue-se com os santinhos!

Ricardo (parando, pondo as mãos nos hombros do padre Francisco, e respondendo não ao que elle lhe pergunta, mas á idéa fixa que tem)

Oh! grande coisa é a maçonaria! agora é que eu o reconheço!

Padre Francisco

An? (recúa espavorido, até caír n'uma poltrona.)

SCENA XVII

Os mesmos e Deolinda

Deolinda (vem com um cofre de joias, correndo, mas fica embaraçada, ao vêr-se só com um estranho.)

Ah! O papá?

Ricardo

Não se demora, minha senhora.

Deolinda

É que eu...

Ricardo

Vinha concorrer para uma boa obra, bem sei. Invoquei a mais sublime das virtudes, e appareceu-me um anjo bom!

Deolinda

Os maçons, porque sei que o é, não são lisonjeiros. Juram dizer sempre a verdade.

Ricardo

E d'esta vez não falto ao meu juramento.

SCENA XVIII

Os mesmos, Leopoldo e Victor

Victor

Quarenta e duas d'aqui, e vinte e uma, são sessenta e tres.

Deolinda

E as minhas joias, que podem valer quinze.

Ricardo

Mas vossa excellencia despojar-se, ainda que temporariamente, dos seus adornos!...

Deolinda

Ficam-me outros melhores.

Ricardo

Os da virtude, bem sei!

Deolinda (com modestia)

Os do amor de meu pae e de meu irmão.

Victor (a Leopoldo)

Vaes a casa do thesoureiro e pedes-lhe, sob minha palavra, o que falta para completar a conta; e passas ao mesmo tempo pelo monte-pio geral. (Tirando o cofre a Deolinda e dando-o a Leopoldo.) É andar. (Despedindo Ricardo e apertando-lhe a mão.) E adeus!

Ricardo

Agora juro-lhe que proclamarei bem alto e por toda a parte a excellencia da maçonaria, e quando contemplar meus filhos alegres e felizes, direi com enthusiasmo: Salvou-os da orphandade um maçon! (Sae com Leopoldo.)

Padre Francisco

O que? eu estou em casa de um pedreiro livre! *Anathema sit! anathema sit!* Ai a minha alma que se perde! E que pena! que tinha uma cosinha tão saborosa!

SCENA XIX

Os mesmos, Victorina, Cassilda e Sebastião

Cassilda

Que é isto? que aconteceu aqui?

Victorina

Porque é que este senhor grita d'este modo?

Padre Francisco

Ai! ai meu menino, que estamos perdidos! Elles são todos pedreiros livres!

Victorina

Pedreiros livres! Padre, Filho, Espirito Santo! (Cae de joelhos e de mãos postas).

Cassilda

Ó senhores, que espalhafato por uma coisa tão pequena!

(Padre Francisco fica a fazer um grupo com Sebastião, que está aterrado.)

SCENA XX

Os mesmos e padre Manuel

Padre Manuel (entrando)

Que demonio é isto? Que significam estas attitudes? Encontro na escada o Leopoldo com ares mysteriosos!... O que ha, homem?

Victor

É a maçonaria, que se occulta, para praticar os seus maleficios!

FIM DO 1.º ACTO

ACTO II

Gabinete de trabalho de Victor

SCENA I

Padre Francisco e Victorina

Padre Francisco (entrando pé ante pé, guiado pela mão de Victorina).

Ora só a senhora me podia convencer a ficar n'esta casa excommungada.

Victorina

Pois então! Retirar é confessar derrota! A estrategia manda que façamos aos nossos inimigos o maior mal que podérmos.

Padre Francisco

Eu, pela minha parte, tenho-lhe devastado a despensa o mais que tenho podido.

Victorina

Nada! Precisamos espreitar-lhes os movimentos. Se nós podessemos descobrir por aqui algum segredo. Elles agora estão por lá entretidos; não dão por nós.

Padre Francisco

Mas isto de devassar os segredos alheios não é uma acção feia?

Victorina

Qual historia! Quando é para um fim benemerito; o fim justifica os meios.

Padre Francisco

N'esse caso, sim! mas se nos surpreendem?

Victorina

Ora!... Diremos que viemos para aqui resar as nossas devoções, para não sermos distraidos pelos barulhos do mundo.

Padre Francisco

Mas isso é mentira, e a mentira é um peccado.

Victorina

Ai! que escrupulos! Enganar o diabo é um acto louvavel; até Deus se ri!

Padre Francisco

Ai! sr.ª D. Victorina! mas apesar de tudo a mim pesa-me estar aqui. Não sei se estou a perder a minha alma.

Victorina

Quem falla n'isso?

Padre Francisco

Olhe! a senhora e a cosinheira é que têem a culpa.

Victorina

A que vem cá a cosinheira agora?

Padre Francisco

É que ella faz tão bons pitéus! tão bons, que, se perco a alma, regalo o corpo. Sempre estes pedreiros livres comem muito bem. E fazem boa digestão! Parece que lhes não pesa na consciencia nem no estomago o peccado.

Victorina

Chama o padre Francisco a isto comer bem. Uns pelintras, que têem uma mesa o mais parca que é possivel.

Padre Francisco

Ah! mas é que eu lá na provincia só tenho caldo de cou-

ves e brôa com alguma postinha de bacalhau, ou petinga salgada. Os peccadores não lhes devia dar Deus tão bons bocados.

Victorina

E não! Nas casas das pessoas tementes a Deus, que eu frequento, e onde o meu santo director espiritual me tem apresentado... ahi sim... ahi é que se come bem.

Padre Francisco (lambendo os beiços)

Melhor do que aqui? Oh quem me déra lá.

Victorina

Hei de apresental-o... mas ha de servir-nos para alguma coisa.

Padre Francisco

Para comer de tudo que vier á mesa. Isso sem duvida!

Victorina

Não é só isso. É vêr, indagar o que fazem, dar conselhos ás creanças, desvial-as das influencias dos pedreiros livres, fazer-lhes crear horror a estes hereges, e por ellas sabermos o viver dos paes. É isto muito conveniente para a salvação das suas almas, porque, quando se conhece o mal, melhor se applica o remedio.

Padre Francisco

Olhe, minha senhora, eu aqui esperava ver coisas mais feias. Lá isso é verdade!

Victorina

Então que esperava vêr?

Padre Francisco

Elles não cospem na imagem do Christo cruxificado, nosso Senhor, lá isso não cospem.

Victorina

E como o sabe?

Padre Francisco

Deixei uns dias o meu breviario aberto, comopor esquecimento, em cima da mesa da saleta, com um registo doSe-

nhor á mostra, e fui apalpar a ver se tinha cuspo ou se estava picado com alguma tesoira; e não!

Victorina

Nas lojas é que elles fazem isso! Até lhe atiram tiros.

Padre Francisco

Ah! por isso é que eu ouvi ind'agora tanto estrondo.

Victorina

Não! isso era o mar que estava a salvar.

Padre Francisco

Ah! cuidei! Tambem me admirou quando vi ir a menina Deolinda á missa.

Victorina

Disfarce!

Padre Francisco

E lá o que é verdade é que não vem aqui pobre nenhum que não leve esmola.

Victorina

Impostura!

Padre Francisco

Não! elles dão-a ás escondidas.

Victorina

De modo que o sr. padre Francisco veja.

Padre Francisco

É por que espreito! E a menina Deolinda é tão meiga, falla com tanta affabilidade a todos, até parece que dá bons conselhos. Eu ás vezes digo comigo: mal empregada alma estar condemnada ás chammas eternas do inferno.

Victorina (impaciente)

O senhor, no fim de tudo, parece que lhes anda a espreitar as virtudes, em vez de lhes espreitar os defeitos.

Padre Francisco

Mas se eu não vejo mais nada. Até se não soubesse que eram pedreiros livres, diria que eram pessoas tementes a Deus. O que elles não fazem é resar.

Victorina

Vê!

Padre Francisco (muito ingenuo)

Mas isso tambem a sr.ª D. Victorina não resa. Finge que resa para ouvir melhor o que se diz, ou para vir, como agora, vêr se descobre alguma coisa.

Victorina

Que homem tão inconveniente! (Outro tom.) E nós a perdermos tempo com as palestras. (Procurando em cima da mesa.) Cartas! cá estão os taes malditos tres pontinhos, que me não deixam perceber e que parecem mesmo que são gravados com as tres unhas do cão tinhoso. Esta agora é em francez. Entende francez?

Padre Francisco

Eu não senhora. Se houver alguma em latim, arranho.

Victorina

D'esta nem nada, que é em inglez; cá está uma em italiano. Oh! que demonio! estes malditos não fazem senão pedir dinheiro. Os pedreiros livres têem uma mina inexgotavel. Elles até são capazes de fazer dinheiro falso. Ai! que ahi vem gente! (Sentando-se.) Santa Maria Mãe de Deus, rogae por nós peccadores...

Padre Francisco (seguindo o movimento, tirando o breviario da algibeira, mas já quando tem entrado gente)

Amen Jesus. (Abrindo o breviario e lendo ao acaso.) *Ora pro nobis, santa dei genitrix ut digni efficiemur...*

SCENA II

Os mesmos, Victor e Leopoldo

Victor

Bravo! que santo par! Encommendem-me a Deus nas suas orações.

Victorina

Que heresia!... (Indo a levantar-se com o padre Francisco.)

Victor

Não se constranjam, que eu no que tenho a fazer não os

incommodo. (Indo á mesa.) Ora quem diacho me revolveria os papeis todos?

Victorina

É capaz de imaginar que fui eu! Eu entendo lá essas garatujas escriptas em quantas linguas ha e com os taes malditos tres pontinhos, que não deixam a gente perceber nada! Estes pedreiros livres até são calumniadores!

Padre Francisco

Eu cá só entendo o latim... *sub tuum presidium confugimus domine...*

Leopoldo

Os pedreiros livres são calumniadores, mas as beatas que fallam de mais não se denunciam...

Victorina (comsigo)

Ih! Jesus! o que eu disse! (Alto e com atrevimento.) O que quer o senhor dizer com isso?

Victor (interpondo-se)

Nada, minha senhora! Peço perdão a vossa excellencia. Eu já sei o que foi, já sei; e torno a pôr os papeis pela ordem em que os tinha.

Victorina

Pois olhe, não torno a pôr os pés n'este quarto! Venha, padre Francisco, vamos embora.

Victor

Como queira, minha senhora. (Saem os dois, mas ficam a espreitar á porta.)

SCENA III

Victor e Leopoldo

Leopoldo

O Ricardo tem-se portado bem e satisfeito os seus compromissos. Alli ha uma grande desgraça. A mulher está moribunda, e os filhinhos soffrem miseria. Elle encobre.

Victor

Buscaremos remediar. É preciso ver como se lhe póde minorar o mal, sem lhe ferir as susceptibilidades.

Leopoldo

Elle vae entrar para trabalhos e confessa altamente a sua gratidão.

Victor

Sabes que aquelle pobre homem está sendo victima de uma perseguição?

Leopoldo

Tambem já me pareceu, mas não poude saber de quem.

Victor

É verdade! O brazileiro vae ser mandado para o Pará á custa do Oriente.

Leopoldo

É bom! coitado, que estava na ultima penuria.

Victor

Has de-lhe ir comprar o bilhete de passagem no paquete.

Leopoldo

E o pintor francez?

Victor

Desgraçado. Não achou trabalho e adoeceu! Teremos de tratal-o, antes de o mandar para a sua terra, se elle quizer ir. Temos uns emigrados espanhoes, que pretendem ir para Buenos-Ayres. Ai! Olha que é preciso mandar a mezada ao estudante que está em Coimbra a formar-se á nossa custa! Trata tu d'isso.

Padre Francisco (dá um espirro, todos voltam a cabeça)

Sanctificitur nomen tuum, adveniat regnum tuum, sicut in cœlo... maldito golpe de ar que me constipou.

Victorina

Desastrado!

Padre Francisco

Tambem uma corrente assim!

Victor

Podem entrar.

SCENA IV

Os mesmos, padre Francisco, Victorina e Cassilda

Cassilda

Se ha licença para mais uma, aqui venho eu! Bons dias, sr. Castro! (Apertando a mão affectuosamente a Leopoldo.) Bons dias, meu amigo. Adeus, padre Francisco. Então constipou-se, ein?

Padre Francisco

A carne é fraca.

Cassilda

E constipa-se, quando está entre portas. Fraquezas da carne. Ai! a proposito: como está D. Victorina?

Victorina (entre si)

Altanada. (Alto.) Adeus, minha amiguinha; isto é mesmo uma flôr, não ha tristezas que entrem com ella.

Cassilda

Tristezas não pagam dividas...

Victor

Bem. Agora deixo-os. Tu vaes a isso?

Leopoldo

Já vou, meu pae.

Victor

Até logo. Desculpam-me, sim? (Sáe.)

SCENA V

Leopoldo, Cassilda, Victorina e padre Francisco

Leopoldo

Dou parabens á minha fortuna de encontrar a vossa excellencia.

Cassilda

Não é tão grande a ventura, que vossa excellencia a tenha procurado.

Leopoldo

Receios de ser importuno.

Victorina (ao padre Francisco, que vae sentar-se e tirar do breviario)

Tambem nunca vi um desastrado assim! Pois não percebe que elles querem estar sós? Ande!

Padre Francisco

Lá vou, mas outra vez para entre portas é que não.

Victorina (já a sair)

O senhor vae dizer ao Angelo que venha já aqui.

Padre Francisco

Para que?

Victorina

Depois o saberá. (Saem os dois.)

SCENA VI

Leopoldo e Cassilda

Leopoldo (que tem seguido com a vista os movimentos de Victorina, e do padre Francisco.)

Deixaram-nos sós.

Cassilda (olhando em torno e depois um pouco coquette.)

É verdade! e depois?

Leopoldo

Depois! depois por certo que me faz mal estar ao pé de si!

Casssilda (sorrindo)

É bem pouco lisonjeira tal confissão. Mas n'esse caso por que não foge?

Leopoldo

Porque não posso! Oh! vossa excellencia, na sua finissi-

ma intuição já percebeu certamente o predominio que assumiu sobre o meu espirito. Julgava-me invulneravel e as suas fascinações renderam-me.

Cassilda (rindo contrafeita)

Olhe que está a dizer vulgaridades, que tenho ouvido muitas vezes, e muito poucas tenho acreditado!

Leopoldo

Dei-lhe o direito de ser cruel, supplico-lhe que seja generosa!

Cassilda

E não o sou já demasiado, tendo a condescendencia de o ouvir, quando lhe devia desde logo lembrar que não posso escutal-o... e que se me permitte... (Saída falsa.)

Leopoldo

Por Deus não sáia! Calque embora, esmague este affecto que eu tive a loucura de lhe consagrar e a maior loucura ainda de lhe confessar; mas escute-me. Ahi tem a abjuração de todas as minhas loucas theorias. Suppunha-me forte, precavido contra toda a fascinação, energico na força de vontade, resoluto na consciencia do dever, firme na isenção, e rendi-me ao primeiro influxo do seu olhar, e succumbi sem luta, e entrego-me á discrição ao seu poder, que ousei affrontar. Cego! louco, que eu era!

Cassilda (que se tem ido commovendo gradualmente)

Percebe, sr. Castro, que estamos representando uma scena inconveniente e perigosa. Peço-lhe que não prosiga...

Leopoldo

Que mais quer, minha senhora? Pois não me tem rendido, pois não percebe que me dominou totalmente? Ah! têem o condão diabolico da fascinação, e depois erguem um throno para o seu orgulho nas humilhações por que fazem passar a sinceridade do affecto que lhes dedicamos.

Cassilda (seria e grave)

Têem rasão os homens, que alardeiam tanto da homenagem d'esses affectos, a ponto de supporem que elles nos podem servir para throno de alguma coisa; e que depois de

nos rasgarem o seio com a sua garra inexoravel, dizem-nos a sorrir, se ousamos soltar um gemido de dôr: Consola-te e lisonjeia-te, porque n'esse mesmo seio conseguiste adormecer um momento o leão indomavel! É generoso, realmente generoso!

Leopoldo

Compreende mal o poder dos seus proprios encantos, Cassilda. Os infelizes que uma vez a amaram, não podem nunca senão bemdizel-a, não podem nunca senão curvar-se ao influxo magnetico d'esse olhar, que banha as almas n'um effluvio dulcissimo e desperta no coração as mais ignotas vibrações. Cassilda! dê-me, ainda que seja por compaixão, por generosidade, uma esmola d'esse amor, que eu não mereço, mas de que estou sedento.

Cassilda

Cale-se, Leopoldo! cale-se por piedade. Sou sua amiga, que mais quer? Estimo-o! Dêmos treguas á nossa guerra. Ahi tem a minha mão, aperte-a em boa e leal amisade.

Leopoldo (beijando-lhe a mão)

Esta mão treme, Cassilda! Que mais quero? quero esse amor, esse amor, que é o sonho da minha vida, quero a ventura, que me despertou no seu olhar.

Cassilda

Impossivel! Deixe-me, por Deus, deixe-me!

Leopoldo

Oh! desgraçado que me deixei tomar da vertigem, que não tem por solução senão a suprema ventura ou o desespero do inferno! Cassilda! Cassilda! Eu amo-te louca, perdidamente! poucos dias bastaram para que se me acendesse n'alma esta paixão, sem esperança, embora, mas que foi a primeira, e que presinto que será a unica da minha vida.

Cassilda

Leopoldo! Tenho-o por um homem de honra.

Leopoldo

E prezo-me de o ser.

Cassilda

Então invoco a sua honra. Deixe-me, Leopoldo!

Leopoldo

Se n'esse coração ha uma fibra só, que vibre ao sentimento que no meu soube despertar, Cassilda, dê-me ao menos uma palavra de esperança! Pois não vê que me queimo n'esta chamma de desespero? pois não percebe que toda a sensibilidade do coração, adormecido tão largos annos, acorda agora com todo o seu vigor, com uma energia insolita? Cassilda, se não podes, se não sabes amar-me, deixa ao menos, oh deixa que eu passe a vida a amar-te!

Cassilda

Funesta concessão, Leopoldo! porque nós, pobres mulheres, sensiveis e impressionaveis, quando, apoz longa luta, nos deixâmos amar... é porque já amâmos tambem!

Leopoldo (desvairado)

Cassilda! Cassilda o que dizes?

Cassilda

Que te amo, louco! que a tua insolente altivez, beliscando o meu amor proprio me despertou n'alma um sentimento com que lutei debalde! que procurei humilhar-te... e, desgraçada fui eu que succumbi! Julgas que não tenho orgulho d'esse sentimento que te inspirei! Oh! meu Deus, meu Deus! mas este affecto é um crime!

Leopoldo (abraçando-a)

Oh! anjo de bondade! quero-te! quero-te muito! hei de querer-te sempre! (N'este momento apparece Angelo conduzido por Victorina, que não entra).

Cassilda (desembaraçando-se d'elle)

Deixa-me, que me perdes! Adeus! (Foge rapidamente sem vêr Angelo, que se demora um instante e depois segue até onde está Leopoldo, e com raiva concentrada).

SCENA VII

Angelo e Leopoldo

Angelo

Bravissimo, Leopoldo! muito bem!

Leopoldo (despertando)

Que é? Ah!

Angelo

É a infamia mais requintada! É um homem que abusou do segredo dos meus planos, para se interpor a elles! É bonito esse procedimento, Leopoldo!?

Leopoldo

Angelo! o que se passa na minha alma...!

Angelo

É a mais torpe das especulações! O puritano deixa-se fascinar pela riqueza da mulher que póde em breve ser viuva!

Leopoldo

Angelo, protesto-te!...

Angelo

Para que são protestos? Cuidas que os acredito?

Leopoldo (aspero)

E desde quando te auctorisei eu a julgares dos meus sentimentos?

Angelo

Desde que foste desleal e traidor a um amigo; e queres encobrir a deslealdade, com a mentira.

Leopoldo

Angelo, que não tolero o insulto!

Angelo

Mas toleras a infamia! mas fazes scenas de amor á mu-

lher, que esqueceu os seus deveres para ter a complacencia de te escutar.

Leopoldo

Cautela! que não a offendas...

Angelo

Pois não! meu paladino de uma viuva opulenta em perspectiva! Ensinei-te o caminho...

Leopoldo

Miseravel! (Correndo para elle.)

Angelo

Vá! completa a tua obra! Oh! como a capa de homem honrado encobre mal os canalhas.

Leopoldo

Atrevido! (Vae a feril-o, porém chega o padre Manuel, que o detem.)

SCENA VIII

Os mesmos e padre Manuel

Padre Manuel

Que é isto, Leopoldo? endoideceste!

Leopoldo

Deixe-me, padre Manuel, que estou cego!

Angelo

De paixão! pois não vê, coitadinho!

Leopoldo

Oh! que te ha de custar caro; que te ha de custar caro!

Padre Manuel

Mas o que foi isto? o que foi?

SCENA IX

Os mesmos, Deolinda, Victorina e padre Francisco

Deolinda

Que exaltação é esta? A Cassilda lavada em lagrimas. Que aconteceu?

Angelo

Perdão, minha senhora, ha lances em que se perde a cabeça.

Leopoldo

E em que não ha coragem para responder pelo insulto!

Victorina (ao padre Francisco)

Vê, como surtiu effeito!

Padre Francisco

Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam...

Leopoldo (no auge da exaltação)

Se sabe latim, rese antes o officio de defuntos, porque, se áquelle villão tem nas veias alguma coisa que o aqueça, hei de matal-o! Oh! hei de matal-o!

SCENA X

Os mesmos, e Victor

Victor (que tem chegado um momento antes, cruza os braços e escuta)

Quem falla aqui em matar, Leopoldo! que desvairamento é esse? Pois nem te recorda que na iniciação te deram umas luvas brancas, para te lembrarem que nunca manchasses as mãos no sangue dos teus semelhantes? Matar?

Leopoldo

Mas se eu fui insultado, meu pae!

Victor

Julgue-se da affronta e appelle-se para a rasão do offensor. Quem te aggravou? quem te offendeu, Leopoldo?

Leopoldo

Aquelle miseravel!

Victor

E pretendias bater-te com elle? E o sr. Angelo de Gouveia ia bater-se com meu filho?

Angelo

Indignamente provocado, devia repellir a affronta; e as leis da sociedade mandavam-me ainda arriscar a vida diante de um homem que maneja habilmente as armas.

Victor (serenamente)

N'uma questão de honra, Leopoldo, n'uma questão da tua honra, de certo não preferirias nenhum outro juiz a teu proprio pae.

Leopoldo

Certamente.

Victor

E é teu pae que te diz que tal duello não poderia effectuar-se!

Leopoldo

Permitte-me que com todo o respeito lhe pergunte porquê?

Victor

Porque a maçonaria prohibe que os irmãos cruzem os ferros, e o sr. Angelo de Gouveia, acabo de sabel-o agora, é maçon!

Padre Francisco

Mais um pedreiro livre para a conta! Decididamente não me salvo! *In nomine Patris et Filii...*

Leopoldo

Mas um maçon, não insulta outro maçon...

Victor

Os maçons, meus filhos, o que não devem é deixar-se guiar pela paixão, que é má conselheira. Ordeno-lhes, primeiro que tudo que dêem o abraço da fraternidade. Depois

julgaremos do aggravo, e dará satisfação aquelle que a dever! Vamos! appéllo para os nobres sentimentos de meu filho, para que nunca appellei debalde! Irmão Leopoldo de Castro e irmão Angelo de Gouvêa, abracem-se! (Os dois abraçam-se muito constrangidamente.)

Victorina

São capazes de me deitar as culpas a mim! Estes pedreiros livres lá se entendem uns com os outros, e depois descarregam as suas iras nas pessoas tementes a Deus! Eu não fiz nada mal feito.

Padre Francisco

Eu tambem não, protesto-lhes! Se fui chamar o sr. Angelo, foi por que a sr.ª D. Victorina me mandou. Lavo d'ahi as minhas mãos. *Lavabo inter innocentes manus meas...*

Victor (deitando um olhar severo a Victorina)

Meus filhos! Os seus animos estão agitados. Serenem; e guardemos as explicações para mais tarde. Nenhum tem rasão, e cada qual o ha de reconhecer.

Leopoldo

Sim, meu pae! domino a exaltação do meu espirito e agradeço ao poder da sua auctoridade a severa lição que me deu! Deixe-me beijar-lhe a mão! Tenho dado provas na minha carreira de que sou valente. Posso pedir desculpa ao homem que offendi, sem receio que me chamem covarde... Perdão, Angelo.

Victor

Vê, sr. Gouvêa?

Angelo

Eu é que fui arrebatado! Cegou-me o desespero. Perdão, Leopoldo!

SCENA XI

Os mesmos e Ricardo

Ricardo (que entra desvairado)

Perdôe-me, se volto a incommodal-o, sr. Castro! Mas aquelle homem desgraça-me! minha mulher está moribunda; falta-

me o dinheiro para os remedios, e elle exige o pagamento de outra letra, senão ameaça-me com a denuncia e com a perda do emprego! Que desgraça a minha! que desgraça! (Deparando em Angelo.) Ah! mas elle aqui! estou perdido!

Victor

Quem? pois o seu perseguidor é...?

Ricardo

Este homem! o sr. Angelo de Gouvêa!

Angelo (a Ricardo)

Para que veiu aqui? Os nossos negocios particulares...

Deolinda (com um grito)

Ai! que era elle!

Victor

Que é isso? Deolinda! que tens filha?

Deolinda

Nada! não me sinto boa!

Victorina

É melhor pôr tudo em pratos limpos.

Deolinda

Por Deus! cale-se!

Victorina

A Deolindasinha gostava do sr. Angelo...

Leopoldo

O quê?

Victorina

E fazia d'elle muito bom conceito! E vae agora, ao saber... (indicando Ricardo).

Angelo

Pois é possivel?

Deolinda (n'um supremo esforço)

Não! não! despreso-o! Tenho vergonha de mim mesmo!

Nunca lhe quiz, nem lhe quero! odeio-o, odeio-o pelo seu procedimento. (Cáe a soluçar nos braços do padre Manuel.)

Victor (buscando serenar-se)

Sr. Angelo! Acaba de reconhecer a influencia da maçonaria!

Angelo

Acabo, sem duvida.

Victor

Bem! Os irmãos não se batem, mas tambem se não prejudicam uns aos outros. A sua letra será integralmente paga. Tomo-a eu como divida minha. Agora Ricardo da Silva, que é nosso irmão, não póde continuar a ser a sua victima. Promette-m'o?

Angelo (com os olhos fitos em Deolinda)

Juro-o! juro-o por aquellas santas lagrimas, que fiz derramar!

Victor

Confio na sua promessa!

SCENA XII

Os mesmos, e Sebastião

Sebastião (correndo)

Ó padre Francisco, como me disse que o avisasse quando o jantar estivesse na mesa. Olhe, que a sôpa está a esfriar.

Padre Francisco

Seria a maior das calamidades! E estas embrulhadas até perturbam a digestão!

Victor (a padre Manuel)

Vês como na associação que condemnavas sem a conhecer não é uma phrase vã a de levantar thronos á virtude! Vivendo na sociedade e para a sociedade, a maçonaria procura encaminhar os homens na senda do bem. Tens um exemplo de que não são frustrados os seus intentos. Agora, meus filhos, vamos para a mesa, agradecendo ao supremo arbitro dos mundos o ter-nos experimentado n'este rude

combate das paixões mundanas, e o havermos dado forças para a victoria. (Abraçando Leopoldo, Angelo e Ricardo.) Os rancores passaram! Dar-se-á rasão a quem a tiver. Para a mesa! (Sáem.)

Padre Francisco (que é o ultimo a saír)
Finalmente vamos jantar! *Gloria in excelsis deo!*

FIM DO 2.º ACTO

ACTO IIÍ

Gabinete, que tem ao centro uma mesa sobre a qual está uma serpentina de tres lumes, e nas paredes placas de tres lumes tambem. Pendem das paredes, caixilhos, onde, em grossos caracteres vermelhos, se lêem os nomes dos principaes paizes da Europa e America.

Todos os personagens vem de casaca e lenço branco, excepto padre Francisco, padre Manuel, e Ricardo, o qual vem de luto pesado.

SCENA I

Padre Manuel, Deolinda e Victor

(Ao levantar o panno um empregado accende as luzes, depois dirige-se para a direita, dando entrada ao padre Manuel e a Deolinda, depois sáe para a esquerda.)

Padre Manuel

Chegámos cedo. Ainda cá não está ninguem.

Deolinda

O papá deve cá estar. Ah! eil-o ahi vem.

Victor (entrando da esquerda)

Boas noites. (Ao padre Manuel.) Agradeço-te a condescendencia de teres acompanhado a Deolinda. Eu tive de vir mais cedo. (Afagando Deolinda). Não te quero assim triste, minha filha.

Deolinda

O que mandará tão bom pae, que não seja logo obedecido? Vê, aqui estou alegre! Tristes só podem estar aquelles a quem pesa alguma coisa na consciencia.

Padre Manuel

Ou no coração.

Deolinda

Quem tem o amor de um pae tão extremoso, não póde ter penas de coração. (acariciando Victor.)

Victor (afagando-a)

Se queres largar a tua capa e a tua manta, deixa-as alli n'aquelle gabinete. (Deolinda entra no gabinete.)

SCENA II

Padre Manuel e Victor

Padre Manuel

E agora que ahi t'a deixo bem entregue, vou-me embora.

Victor

Receias manchar n'este logar a pureza das tuas crenças?

Padre Manuel

Não, mas não faço nada cá.

Victor

Como quizeres. (Sentando-se.)

Padre Manuel

Olha lá! O que significa esta geographia escripta pelas paredes? Têm aqui o mundo.

Victor

São os diversos paizes com que a maçonaria está em relações.

Padre Manuel

E para que serve isso?

Victor

Para nos protegermos e auxiliarmos mutuamente.

Padre Manuel

O que eu não compreendo é que para isso seja preciso viver ás escondidas.

Victor (levantando-se)

Pois tu, ministro da religião christã, estranhas que nos occultemos para praticar o bem? «Que a mão esquerda não saiba o que a direita dá», diz o Evangelho. A violeta tambem se esconde para rescender aromas.

Padre Manuel (sentando-se)

Muito bem! e para que são essas cerimonias ridiculas, de que usam?

Victor

Eu, se não receiasse offender-te, fazia-te um longo discurso a respeito do ritual, que cerca todas as instituições, tanto religiosas como profanas.

Padre Manuel

Queres com isso censurar o ceremonial da egreja?

Victor

Não. A sentinella que apresenta armas ao seu superior, o official-mór que desempenha certas funcções junto ao monarcha nas festas solemnes, os diaconos que com as suas dalmaticas ou tunicellas acompanham o celebrante de casula, e estola, e amicto, e não sei que mais, o que fazem senão obedecer ao ritual, mais ou menos symbolico?

Padre Manuel (levantando-se)

Pois sim! fiquem-se vossês com o seu ritual que eu ficarei na minha. Tanta guerra que se faz á maçonaria, algum motivo tem. E com isto me vou embora.

Victor (levantando-se e detendo-o)

E quem lhe faz essa guerra? Não sabes que a reacção, no seu louco intento de avassallar o mundo, admiravelmente organisada, explorando o fanatismo do povo, ameaçando os espiritos frageis com o terror das penas do inferno, pretendendo dominar sobre a ignorancia publica, só encontra a frustrar-lhe os planos, a emancipar as consciencias, a diffundir a instrucção, a brandir o facho da luz, a maçonaria, que por isso fulmina com anathemas, sem valor, porque estão fóra das attribuições do poder ecclesiastico, a quem só compete condemnar o que fôr contrario á fé? e nós não contrariamos a fé, respeitamol-a!

Padre Manuel

Mas para instruir, para civilisar é necessario associações? não poderia cada homem illustrado e liberal proceder isoladamente n'esse empenho, como a sua consciencia lh'o inspirasse?

Victor

Ó padre Manuel! Quando quizemos conquistar a liberdade do nosso paiz, o que fizeste tu? Associastes-te comigo, e nós ambos com muitos e muitos outros soldados dedicados, que fomos na Terceira formar o baluarte inexpugnavel do principio que defendiamos, e depois trouxemos ao Porto essas heroicas phalanges, que esmagaram para sempre o poder da tyrannia. E se cada um de nós operasse isoladamente? Conseguiriamos apenas que os sete mil quinhentos bravos fôssem mais sete mil quinhentas victimas para juntar ao largo e glorioso martyrologio da liberdade.

Padre Manuel

Mas nós, Victor, pelejavamos á luz do sol e não nas trevas.

Victor

Tambem a maçonaria não trabalha nas trevas, meu amigo. A caridade e a instrucção não podem viver nas trevas. Onde ellas habitam, expande-se muita luz, luz de brilho fulgentissimo, luz que illumina o mundo, sol que aquece os gelos da miseria e dissipa a noite da ignorancia! Vivemos no segredo, porque é dever de honra ser fieis depositarios dos thesouros que nos confiam, e se nenhum de nós póde dispor do que não é seu, tambem a nenhum é licito deixar de guardar o deposito do segredo commum! É assim que esta instituição é acatada e venerada em todos os paizes, tendo no seu gremio os homens mais notaveis das sciencias, ou da politica, os principes, os reis, e até o proprio...

Padre Manuel

Não digas isso, que é falso!

Victor

Posso affirmar-te que não é; mas não discuto. Antes o fôsse, por elle e por nós! Não cito o facto com vangloria. (Outro tom.) Mas não fallemos mais n'isto, se te dá desgosto. Queres ver a sala? É cedo ainda e está deserta. Não tens escrupulos?

Padre Manuel

Nenhuns! Estou prompto. E depois vou-me embora. (Sáem os dois pelo fundo.)

SCENA III

Deolinda e Angelo

Deolinda (sáe do gabinete, vê-se só, senta-se á mesa distraidamente, toma um livro e mal começa a folheal-o entra Angelo da esquerda; ella, deparando com elle, solta um pequeno grito)

Ah!

Angelo (tambem sobresaltado)

Ah! Perdão, minha senhora.

Deolinda (embaraçada)

Procura o papá? Elle saíu d'aqui agora mesmo.

Angelo

Bemdigo o acaso, que assim o determinou.

Deolinda (levantando-se)

Permitte-me...?

Angelo

Não; peço-lhe a compaixão de me ouvir.

Deolinda

Vossa excellencia compreende que, depois de um lance tão inconveniente, esta situação é embaraçosa para nós ambos, para mim sobre tudo.

Angelo

Supplico-lhe o sacrificio de um instante.

Deolinda (indo a saír)

Inutil sacrificio: se me dispensa...

Angelo (detendo-a)

Não, minha senhora! quero-lhe dizer que a admiro. Cego, que tinha a felicidade ao pé de mim e corria após a per-

dição! Offereciam-me um thesouro, e eu deixava-me fascinar pelos ouropeis que me fugiam.

Deolinda

Então! Peço-lhe que não prosiga, se não quer vexar-me.

Angelo

A virtude e a modestia não têm nunca de que vexar-se.

Deolinda

Pois bem! Devo ser franca. Distingui-o com uma affectuosa estima; quiz-lhe de longe, como a uma visão suavissima que vinha alegrar a minha juventude; mas este sentimento arrancado ao mysterio em que vivia, em que devia viver sempre, esmaeceu, como a planta cultivada em estufa, se mão imprudente a deixa exposta ás intemperies. Peço-lhe que apague bem da memoria o que ouviu, que não deixe ficar no seu espirito nem a mais leve reminiscencia; e se ás vezes acaso lhe perpassar rapida uma recordação, tome-a por lembrança de um sonho, de uma chimera fugitiva.

Angelo

E se eu, contricto e arrependido, lhe supplicasse a esmola d'essa affeição, que tão generosamente me deu?

Deolinda

Negava-lh'a. A troca de affeições só póde consolidar a felicidade pelo mutuo respeito, que se não estabelece quando a mulher conheça na vida do homem um acto que o deslustre, quando o homem saiba que a mulher foi ao encontro de um affecto que lhe não davam. O nosso passado é barreira para o nosso futuro.

Angelo

Mas não resgato... não resgatarei eu esse passado?

Deolinda

Começou a fazel-o nobremente, bem o sei! Os conselhos de meu pae substituiram no seu coração a generosidade ao egoismo, e o seu procedimento para com o Ricardo, que ia precipitar na desgraça, eleva-o e é digno de um nobre caracter.

Angelo

Então?

Deolinda

E se um dia lhe entrasse no espirito a suspeita de que as imprudentes revelações da D. Victorina, as imprudentes revelações da minha fraqueza haviam sido um calculo de antemão combinado?

Angelo

Pois póde vossa excellencia suppol-o? Oh! deixe-me nutrir a esperança de que serei um dia ainda digno de merecel-a, de firmar a minha ventura no enlace com a mais santa e a mais virtuosa das mulheres.

Deolinda

Illude-o a generosidade do coração. Um deploravel acontecimento o levou a fixar em mim a sua attenção. É um capricho que passa como o fumo, e sobre que não póde firmar-se o augusto sanctuario da familia. Desengane-se: o templo conjugal não póde ter nem uma impureza nos alicerces, nem uma sombra na cupula.

Angelo

Oh! mas deixe-me rasgar as paginas do meu passado, e sobre a pagina branca do livro da vida escrever o seu nome.

Deolinda

O meu pobre nome não caberia nunca onde outro estivesse escripto!

Angelo

E se o desengano o tivesse de todo já apagado?

Deolinda

Dir-lhe-ia que incumbisse a esperança de o fazer reviver.

Angelo

Impossivel! As fascinações diabolicas, são condemnadas a serem ephemeras. A esperança é companheira dos anjos! Deixe-me esperar! Tenho felizmente coração, e poderei engrinaldal-a de affectos. Sou rico felizmente, e poderei cercal-a de venturas.

Deolinda

Rico? E que importa a riqueza? Pede-se ás flôres mais

do que o perfume? Quando dois entes se reunem no mesmo laço florido de mutuas affeições, não é para partilharem em commun as alegrias e os revezes? Vi meu pae e meu irmão erguerem na sociedade a cabeça pelo esforço unico do seu trabalho. Se um dia houvesse de constituir familia, não procuraria na opulencia a felicidade, mas sim na coragem e na dedicação, para affrontar a má sorte, para acceitar contente o meu quinhão de trabalho, para firmar o ninho da prole, para me sacrificar á santissima religião, que é, que deve ser a mais augusta das religiões da mulher.

Angelo

Cada vez a admiro mais, minha senhora.

Deolinda

Não me lisonjeie, que não faço mais do que seguir os dictames da santa educação de meu pae!

Angelo

Oh! se todos os maçons praticassem a virtude como esse homem venerando, cuja voz jámais deixarei de escutar reverente, como caminharia o mundo para o bem e como a santa fraternidade deixaria de ser uma chimera.

Deolinda

O exemplo de meu pae já conquistou em vossa excellencia mais um soldado dedicado. Se é fadigosa a sementeira dos bons principios, será excellente e abençoada a colheita! Tenha fé e perseverança, sr. Gouvêa; e se a amisade de uma pobre menina lhe póde ser agradavel, separemo-nos... ou antes aproximemo-nos como bons amigos. Quer? (Estende-lhe a mão, que elle beija com reverencia.)

Angelo

Vossa excellencia é a mais santa das filhas, seria a mais santa das mães.

SCENA IV

Os mesmos, Victorina, padre Francisco e Ricardo (de luto pesado)

Victorina

Bravo! está feita a reconciliação! Eu não lhe dizia, padre Francisco?

Padre Francisco

Ave Maria, gratiæ plena! Mas onde estamos nós, minha senhora?

Deolinda

Não se deixe illudir por apparencias enganosas, minha senhora.

Victorina

Bem vejo! bem vejo!

Angelo

Tenho dó de si! É o sentimento que me inspira!

Victorina

Muito obrigada! muito obrigada! costuma-se a dizer que o diabo sempre dá bom pago a quem o serve! Essa é como a do sr. Ricardo da Silva ainda acreditar que lhe não estão a fazer o ninho atraz da orelha. Pois olhe, está aqui, está sem emprego, Mau foi que o sr. Angelo pozesse isso na sua idéa! É o que fazem os pedreiros livres!

Ricardo

Não blasfeme, minha senhora! Acabrunhou-me a desgraça, perdi a minha pobre companheira, vi os meus filhos—orphãos do affecto maternal—sentirem o sopro gelado da miseria! Não accuso ninguem. Foi a providencia a experimentar a minha resignação. Mas nos meus irmãos achei conforto, protecção, amisade, todas as sollicitudes e todos os carinhos. A elles devo que a minha viuvez não fôsse tenebrosa! Elles prestaram as derradeiras homenagens a minha mulher. São elles ainda que vão hoje receber meu filho para o educar.

Padre Francisco (exclamando)

Oh senhores! ou estes pedreiros livres andam sempre a

a representar, ou elles não são tão maus como os pintam!

Angelo

Calumniam-os as linguas viperinas, (olhando para Victorina) e acreditam-as os credulos como o sr. padre Francisco.

Victorina

Atrevido! Deixe! que eu informarei o Victor de quem o senhor é... e que idéas o trazem agora tão ligado á maçonaria.

Deolinda

Se a ameaça se refere a mim, minha senhora, não a teme quem não tem segredos para seu pae. Pois que?... o espirito religioso, de que tanto alardeia, ensina-a assim a arvorar a calumnia e a intriga em facho de desordem no seio das familias?

Victorina

Deixe estar, minha doutora!

Deolinda

É muito! Abusar do soffrimento de uma pobre mulher, a quem se finge amisade, para se lhe enroscar no coração como a vibora! Que mal lhe fiz eu, para me maguar tão cruelmente? Dei-lhe com confiança a chave dos segredos do meu coração e... Oh! como custa a ser assim humilhada!

Angelo

Vossa excellencia insulta atrozmente esta senhora, cujos altissimos sentimentos, nem é capaz de compreender!

Victorina

Estes pedreiros livres ainda se voltam com o santo e com a esmola; lêem todos pela mesma cartilha!

Padre Francisco

Ai, quem me dera socegado na minha aldeia, livre d'estes malditos, que me têm dado volta ao miolo! E Lisboa está inçada d'elles. É cada canto seu Espirito Santo! Ai! que blasphemia!... é a cada canto seu demonio vivo! Credo!

Victorina

Ah! ahi vem o Victor!

SCENA V

Os mesmos e Victor

Victor

A ceremonia vae começar. (Espantado). A sr.ª D. Victorina aqui! (Mais espantado ainda.) O sr. padre Francisco!

Ricardo

A sr.ª D. Victorina pediu-me para que a trouxesse na minha companhia sob o pretexto de se encontrar com a sr.ª D. Cassilda.

Victor (perguntando)

Que ainda não chegou?

Deolinda

Ainda não!

Padre Francisco

Eu não sei se fiz bem ou mal em cá vir, porque ainda não sei onde estou!

Victor

Quem o encaminhou então?

Padre Francisco

A sr.ª D. Victorina!

Victor

Guiou-o a curiosidade! Sinceramente não sabe onde está?

Padre Francisco

Eu não senhor! (Victorina arranca-o de ao pé de Victor e começa a fallar-lhe com muita intimativa.)

Victor

Pois vou dizer-lhe a verdade. Está n'um gabinete contiguo a um templo maçonico. Os seus escrupulos devem sobresaltar-se.

Victorina (detendo-o)

Deixe! Deixe! espere!

Padre Francisco

Não! lá isso, não! (Debatendo-se para se livrar d'ella.) Misericordia, misericordia! Esta senhora jurou perder a minha alma! não

me salvo! preciso fazer confissão geral. *Confiteor deo omnipotenti.* Cruzes! eu quero sair. Ar! ar! que me falta o ar n'esta atmosphera empestada! Vae-te, Satanaz! não me empolgues com a tua garra... (Correndo doidamente a todas as portas.)

Deolinda (com affecto)

Por aqui, padre Francisco, por aqui! Coitadinho, para que haviam de sobresaltal-o assim. Venha cá, eu vou acompanhal-o. (Sáe com o padre Francisco.)

Victorina

Hypocrita!

SCENA VI

Os mesmos, menos Deolinda e padre Francisco

Victor (a D. Victorina)

Minha senhora! Nós a estas solemnidades costumamos ás vezes, por excepção, admittir as senhoras—nossas mulheres, nossas filhas, ou nossas irmãs. Vossa excellencia, sinto dizer-lh'o, não tem titulo para ser admittida, mas como não tem companhia agora, se quizer ficar n'este gabinete, ninguem virá perturbal-a!

Victorina

E dizem que não fazem moeda falsa, e fazem mysterio das suas reuniões para as pessoas tementes a Deus! Oh! este caso ha de dar que fallar! deixe!

Victor

Como vossa excellencia queira, minha senhora.

SCENA VII

Os mesmos e Deolinda

Deolinda

Coitadinho! Ia tão sobresaltado! Lá se foi pela escada abaixo a resar que mettia dó.

Victor

Vens, minha filha?

Deolinda

E a sr.ª D. Victorina ha de ficar sosinha?

Victorina (com desabrimento)

Ah! eu fico bem. (Mais baixo.) E hei de vêr se vejo alguma coisa.

Deolinda

N'esse caso...

Ricardo

Uma palavra antes de entrarmos. Sabe o partido politico a que pertenço; e vossa excellencia milita n'outro. Tenho melindre se essa circumstancia póde obstar á minha entrada em trabalhos.

Victor

Não tenha taes melindres, meu amigo. A maçonaria respeita as convicções de cada um, sem lh'as indagar sequer, como respeita as crenças religiosas de todos. Só exige aos seus adeptos que acreditem na existencia de um principio creador, e só lhes pede que tenham sentimentos liberaes, sem os quaes não póde haver a felicidade dos povos, que consiste na emancipação de todas as servidões. Quanto ao mais, a maçonaria é campo neutro, em que os homens bons e honrados de todos os partidos, como de todas as nacionalidades, de todas as religiões e de todas as classes sociaes, se reunem para praticar a virtude, e para bem servir a causa da humanidade, aperfeiçoando-se e ensinando aos outros a perfeição. Póde entrar, que encontrará correligionarios e adversarios, ligados todos pelo mais santo laço fraternal, porque o ruido das paixões mundanas esmoreceu aqui! Vamos que o seu filho espera-nos!

Ricardo

Sim, o meu pobre filho vae ter protecção e bons exemplos! Vamos!

Victorina

Isto são uns atheus, uns malvados! (Comsigo.) Ah! se não fôsse desejo de vêr!

Victor

Até logo, minha senhora.

Deolinda

Até já, minha amiga!

SCENA VIII

Victorina, um francez, um inglez, um espanhol e um italiano

(Victorina, apenas se vê só, vae espreitar a todas as portas; entra no gabinete da esquerda, torna a sair, vae espreitar ao fundo.—Ouve-se ao longe musica de orgam suavissima. Entram os quatro estrangeiros, figuras extravagantes, mal arranjadas, indicando pobresa.)

Francez (deparando com Victorina)

Pardon, madame! Peut-on entrer? Le frère grand secrétaire est-il?

Victorina

Ai! Que gente é esta!

Inglez

I will take my farewel of my dear brother.

Victorina

Hein? que diz? dia de brodio? Oh! senhores em que eu me metti!

Inglez

No speak english?

Victorina

Não o entendo! Valha-me Deus!

Italiano

Io bizognava di parlari al carissimo fratello Vittorio.

Victorina

Isto é comigo! Não sou Victoria, sou Victorina, para os servir (fazendo uma mesura).

Espanhol

Perdone usted, señora: deseamos ver el hermano secretario. Nosotros nos vamos a partir al instante y quisieramos dicir abur al caballero que nos hay recibido tan bien.

Victorina

Estou aturdida! Estou toda a tremer, e não me entendo com estes demonios.

Italiano

Corpo di Bacho! No capisca?

Victorina (cada vez mais afflicta, e vendo chegar Leopoldo)

Ah! ainda bem que chegou! Salve-me d'estes scelerados, que já não sabia como os havia de aturar. E o caso é que estava com medo d'elles!

SCENA IX

Os mesmos e Leopoldo

Leopoldo

Minha senhora! (Aperta a mão a todos os estrangeiros muito affectuosamente.)

Victorina

E aperta a mão a gente d'esta! Estes pedreiros livres não tem pundonor, nem dignidade!

Leopoldo

A religião de Christo ensina que todos os homens são irmãos, e estes de mais a mais são infelizes. Prestámos-lhes o nosso auxilio e vêm dar-nos uma palavra de agradecimento. Com licença. (Indicando a saída pelo fundo). *Par ici.* (Sáem todos).

SCENA X

Victorina e Cassilda

(Victorina segue-os com a vista, benze-se, vae espreitar, volta outra vez, e depara com Cassilda, que acaba de entrar pela esquerda, acompanhada do empregado, que lhe indica o caminho, e sáe logo, cumprimentando).

Victorina

Chegou tão tarde, minha amiga.

Cassilda

Ah! Vossa excellencia por aqui! que raridade.

Victorina

Foi por sua causa que vim. Por si faço todos os sacrificios. (Em tom de confidencia.) Olhe que já descobri.

Cassilda

O que é que vossa excellencia descobriu?

Victorina

Elles já estão reconciliados.

Cassilda

Mas elles, quem?

Victorina

Ora! quem? O Angelo e a Deolinda.

Cassilda

Mas que tenho eu com isso? Deixe socegado o meu espirito, que está cheio de atribulações.

Victorina

Ah! é por causa do Leopoldo. Olhe que tambem não lhe gabo o gosto. Olhar para um homem, que parece que faz favor em dar os bons dias á gente.

Cassilda

Não me importo com o Leopoldo, nem com pessoa alguma. Quero estar só. Pois se eu soffro. Não acredita? Vim aqui por condescendencia apenas.

Victorina

Olhe, minha amiguinha, para esse estado o melhor recurso é a religião; acredite-me. Quer conversar com o meu confessor? Elle dispõe-lhe o animo para as alegrias da penitencia. Quer? porque não experimenta? muitas senhoras da minha amisade têm...

Cassilda

Oh! minha senhora, eu nem sei o que quero. Deixe-me serenar a alma d'esta agitação.

Victorina

O talisman da religião mitiga essas dôres do soffrimento, como por encanto. E então, se entrasse no instituto das irmãs de caridade? Isso! (Caindo em si.) Ai! mas é casada, não me lembrava.

Cassilda

E quasi tem rasão de se não lembrar.

Victorina

E como vae seu marido?

Cassilda

Agora melhor, muito melhor.

Victorina

Mas emfim, de um dia para o outro póde perdel-o e a todo o tempo é tempo de entrar no seio da religião. Jesus Christo tem sempre os braços abertos.

Cassilda

Ai! não me martyrise mais!

Victorina

Está com pressa de ir para a festa! A mim não me deixaram entrar! Olhe, se quer largar a sua capa... a Deolinda tem a d'ella alli. (Cassilda entra, Victorina vae espreitar logo ao fundo e sáe com precauções, espreitando sempre. Mal ella desapparece, entra Leopoldo.)

SCENA XI

Leopoldo e Cassilda

Leopoldo (entrando)

Está livre dos seus crueis perseguidores, pobre gente inoffensiva. Ah! já cá não está. (Vendo a porta do gabinete entreaberta, dirige-se para ella, quando sae Cassilda.) Ah! perdão!

Cassilda

Sr. Castro!

Leopoldo

Minha senhora!

Cassilda (olhando em roda)

A D. Victorina?

Leopoldo

Não a encontrei já. Mas, encontrando a vossa excellencia, não fui infeliz na troca.

Cassilda

Não recomecemos scenas, que nos deixaram dolorosas impressões. Vim aqui por fazer a vontade a seu pae, áquelle homem respeitavel, em cuja presença baixo os olhos ao chão.

Leopoldo

Como os tem agora! Esses olhos, que me inundavam da corrente magnetica do seu brilho, não mais se erguerão para mim, Cassilda?

Cassilda

Sr. Castro!

Leopoldo

Houve um momento em que me tratou de modo bem menos ceremonioso! Foi um capricho passageiro.

Cassilda

Para que se compraz em reavivar feridas?...

Leopoldo

Que não cicatrizarão jámais. Esquece-me, despresa-me? não é assim?

Cassilda (com um gesto de negativa muito expressivo)

Oh! não! estimo-o ainda e sempre. Mas não sabe os deveres que me prendem? Mas ignora que a reprovação de seu pae, que eu temo como uma sentença, cairia sobre as nossas cabeças, com a maldição do mundo.

Leopoldo (com arrebatamento)

Oh! calla-te, querida. Deixa-me embriagar no teu olhar, quero que sejas minha, quero dar-te a felicidade, que o destino te negou. E que me importa o mundo?

Cassilda

Não sabe que o estimo, Leopoldo? Não tive a franquesa de lh'o confessar! Para que abusa da superioridade que lhe dei! Não vê as sombras venerandas de dois velhos a interporem-se a esta nossa louca affeição? deixe-me, por piedade, deixe-me!

Leopoldo

Não vejo senão o meu amor! Não vejo senão este fogo que me escalda, não vejo senão as fascinações que Deus te poz no olhar! Sol da minha vida, aquece-me! estrella polar do meu futuro, encaminha-me! Não me fujas, que me matas de desespero!

Cassilda

Leopoldo!

Leopoldo

Como me têm parecido longos os dias que tenho vivido longe de ti! Como abençôo o acaso que nos reuniu agora! Não quero mais deixar-te,. O destino bom ou fatal ligou-nos! Somos um do outro! (Abraçando-a.)

Cassilda

Leopoldo! Leopoldo. E teu pae? e... e... e meu marido?

Leopoldo

Meu pae? Se affeição paternal não é uma mentira, não póde amaldiçoar a minha felicidade! Teu marido! Teu marido? Póde a juventude e a vida acorrentar-se á velhice e á morte, a que violentamente a ligaram. Cassilda! fujamos d'aqui! Vamos esconder a chamma do nosso santo amor aonde os olhos do mundo a não devassem. Vamos construir o ninho das nossas venturas aonde só nos vejam as bençãos do Deus bondoso, que perdoa aos que muito amam. É larga a terra, e o céu azul em toda a parte. Confia em mim e vem! Oh! vem! que te chama o amor.

Cassilda

Leopoldo! que me perdes!

Leopoldo

Não! salvo-te! (Arrasta-a. N'este momento entra Deolinda com uma creancinha, vestida de luto.)

SCENA XII

Os mesmos, e Deolinda

Deolinda (para o pequenito)

Hei de servir-lhe de mãe, e querer-lhe como lhe queria aquella que está no céu! (Deparando nos dois, fica estupefacta.)

Leopoldo

Não hesites! Anjo da minha vida!

Cassilda

Não posso! é a desgraça que vejo abrir-se-me aos pés.

Leopoldo

É a felicidade que nos abre as suas portas de par em par! Vem!

Cassilda

Abandonam-me as forças! Cumpra-se o destino! Leopoldo.

Deolinda (largando o pequenito, correndo a tomar o passo aos dois)

Leopoldo, Leopoldo, que fazes?

Leopoldo (com desabrimento)

Afasta-te! deixa-nos passar!

Deolinda

Não! que não devo! Perdão, Cassilda! volta a ti! recobra a rasão e pensa no que vaes fazer.

Cassilda

Estou perdida!

Leopoldo

Deolinda! pela ultima vez te digo que me deixes! (Arredando-a com violencia, vae a saír pela esquerda e depara com Victor entre portas. Recua um pouco aterrado, depois toma de novo o braço a Cassilda, muito hesitante, e pretende saír. Victor embarga-lhe o passo com muita nobresa. Victorina, Angelo e Ricardo assomam á porta do fundo.)

SCENA XIII

Os mesmos, Victor, Angelo, Ricardo e Victorina

Victorina

Mas que é isto aqui?

Victor

Leopoldo, que ías faltar aos teus juramentos, aos juramentos que espontaneamente pronunciaste e que tens obrigação de cumprir!

Leopoldo

Meu pae!

Victor

Se amas essa senhora, deploro-te! Mas o que não pódes, o que teu pae te não permitte, o que a honra te não consente, o que o teu juramento de maçon te prohibe, Leopoldo, é rebaixal-a! Maldito aquelle que leva a deshonra ao seio da familia do seu irmão! A sr.ª D. Cassilda é filha de um maçon, cuja memoria honrada respeitamos com a veneração que a maçonaria tributa nos seus mortos, e é esposa de outro maçon honrado! Mente como um villão aos seus juramentos solemnes aquelle que abusa da filha, da irmã ou da esposa de um seu irmão! Leopoldo, não pódes ser perjuro! não pódes deshonrar o nome que é nosso! Com a auctoridade de pae, de velho e de maçon, te prohibo que dês um passo na senda infame que ías seguir. Aquella porta leva á perdição! Não lhe transpões os umbraes! (Para Cassilda.) E tu, minha filha, não lances nodoa indelevel no nome de teu marido! Vamos! Quando acabamos de praticar uma acção boa, não havemos de coroal-a por uma infamia. Não se diga que um dos protectores d'esta creancinha, que acabamos de adoptar, a abandonou covardemente, dando-lhe um triste exemplo que não mais se apagará do seu espirito infantil! Leopoldo, um nosso filho espera a tua protecção. Não lh'a negues para praticares um acto infamissimo! (Toma o pequenito e atira-lh'o para os braços. Leopoldo toma-o e passa-o a Ricardo, que o acaricia doidamente.)

Leopoldo (ajoelhando)

Perdão, meu pae!

Deolinda (erguendo as mãos)

Graças, meu Deus! que se salvaram!

(Victor fica ao meio da scena, abraçando Cassilda, muito commovida. Leopoldo ajoelhado do outro lado, Angelo contemplando attonito a attitude de Deolinda, Ricardo acariciando o filho e Victorina ao fundo olhando a scena com má catadura.)

FIM DO 3.º ACTO

ACTO IV

Sala de um asylo de meninas.

SCENA I

Victor, Deolinda, e logo padre Manuel e Ricardo com uma pequenita

(Victor e Deolinda arranjam algumas flôres nos vasos, que estão em cima das mesas, ficando o resto d'ellas soltas sobre as mesmas mesas).

Padre Manuel (entrando)

Prompto! tem o nosso Ricardo o filhinho baptisado.

Deolinda

E como se chama?

Padre Manuel

O pae teve a delicadeza de querer que lhe pozessem o teu nome, Victor.

Victor

Mais uma fineza que lhe devo.

Ricardo

Todos os testemunhos de gratidão são poucos.

Victor

Não fallemos em gratidão. Cumprimos o nosso dever uns para com os outros. É verdade! e o padrinho não veiu?

Padre Manuel

O nosso Angelo foi acompanhar o pequenito a casa da ama; está bem entregue.

Ricardo (para a Deolinda, que tem estado a acariciar a pequenita e a dar-lhe flôres)

Devo tantos favores á sr.ª D. Deolinda, que tem sido incansavel em proteger os meus filhos.

Deolinda (rindo)

Faça-me agora vaidosa, se lhe parece!

Ricardo

E ainda não contente de tanto bem, vae agora recolher minha filha n'este asylo, onde receberá lição e bons exemplos, emquanto eu não possa tornar a leval-a para a minha companhia. Oh! quanto devo á maçonaria! Como hei de eu recompensar tanto?

Victor

Como? Auxiliando-nos a prestar aos outros em identicas circumstancias os mesmos serviços. Ha sempre desventuras que soccorrer e embora cada maçon tivesse tantos olhos como Argus, ou tantos braços como Briareu, nunca soccorreria bastante a todos os infelizes.

Ricardo

E pensar que ha maçons que descuram os seus deveres! Eu fui um d'elles, emquanto a desgraça me não bateu rijo á porta. Mas regenerei-me, protesto. Outro bom exemplo é o de Angelo.

Victor

É verdade! Elle já está de todo restabelecido?

Padre Manuel

Está quasi bom! Mas quem havia de dizer tal! Aquelle rapaz, que era o egoismo personalisado, com que a abnegação arriscou a vida para salvar duas mulheres do incendio!

Victor

Foi uma acção gloriosa para elle; e de que já recebeu o applauso da maçonaria!

Deolinda (que se tem alegrado excessivamente ao ouvir esta conversa)

E foi! Portou-se valentemente! Ninguem se atrevia já a entrar na casa, e a morte das duas infelizes era inevitavel. Eu sempre disse que elle tinha um coração bem formado.

Victor

Asphyxiava-lh'o o egoismo.

Padre Manuel

E curou-o... (Olhando intencionalmente para Deolinda.)

Deolinda (córando, abaixando os olhos e completando a phrase

A maçonaria.

SCENA II

Os mesmos e Angelo (com um braço ao peito)

Victor

Viva o nosso heroe!

Ricardo

Fallavamos da sua proeza.

Angelo (a Deolinda)

Minha senhora! (a Victor.) Bons dias!

Padre Manuel

E alguem havia que celebrava alegremente a sua dedicação.

Angelo

Favores, que eu não mereço, e lisonjas da amisade! Cumpri o meu dever apenas. (Deolinda tem voltado a fingir que arranja as flores.) Quer que a auxilie n'esse trabalho, minha senhora?

Deolinda

Muito obrigada. Chegou tarde, e tudo está concluido.

Angelo

Tenho sempre a infelicidade de não lhe poder ser agradavel.

Deolinda

Pelo contrario! (Mudando de assumpto.) E já está bom dos seus ferimentos?

Angelo

Assim eu podesse sarar outros, que não cicatrizarão nunca.

Deolinda

Nunca, é palavra que ninguem póde usar com segurança.

Angelo

Uma promessa?

Deolinda

Não, o sorrir de uma esperança apenas.

Ricardo

Sua excellencia fazia-lhe os maiores elogios.

Deolinda

Que merece!

Angelo

Bem quizera poder, pela minha dedicação, fazer esquecer o meu passado, e ser digno...

Deolinda (atalhando-o confusa)

De me auxiliar a proteger as minhas creancinhas! É o meu unico empenho presente. A caridade tem o effeito salutar de balsamo. Vê, aqui temos uma nova filha. (Apresentando-lhe a pequenita.) De hoje ávante vae ser nossa. São ellas a minha alegria e a minha preoccupação.

Angelo

E eu serei feliz em auxilial a nos trabalhos da direcção d'este asylo, que é tambem uma das glorias da maçonaria.

Victor

E é! A caridade convencional do partido reaccionario ía expulsar das casas de educação umas pobres creanças e deixal-as ao desamparo, só porque lh'as arrancavam á nefasta influencia do fanatismo beato.

Ricardo

Aquella apregoada philanthropia tornava-se em crueldade.

Victor

E foi preciso que nós, os homens de coração, recolhessemos as tristes aves implumes, a quem só se concedia um ninho com a condição de ser envenenado.

Padre Manuel

Fizeram bem! foi louvavel a acção!

Deolinda

Comtudo eu quizera que se instituissem pensões para educar as creanças no seio das suas proprias familias. O ensino é um grande bem, mas o effluvio perfumado dos affectos, que vecejam no lar, vale ainda mais.

Victor

Lá chegaremos, se Deus quizer. Tivemos de acudir ao mais urgente. Depois destinámos premios aos professores de instrucção primaria. Temos sempre que soccorrer as desgraças publicas, os feridos das guerras estrangeiras, os forasteiros em transito, que a nós recorrem. As necessidades são tantas.

Ricardo

Mas o dinheiro abençoado da maçonaria a todas chega!

Victor

Temos alumnos a educar na universidade á nossa custa, e quizeramos tambem fazer educar operarios nos paizes estrangeiros, para prosperidade e desenvolvimento das industrias nacionaes; mas esta idéa abençoada ainda se não pôde realisar.

Padre Manuel

Homem! lá que a associação tem fins santos, não ha duvida! mas...

Angelo

Volta o sr. padre Manuel com as suas duvidas.

Padre Manuel

Mas não fazem mais nada? mais nada do que isto?

Victor

Fazemos! Por exemplo: No Brasil foi a maçonaria que po-

pularisou e tornou realisavel a emancipação dos escravos. Foi um grão mestre, que poz como regra não honrar com a sua presença festa em que não houvesse libertações; foram os maçons que encaminharam o espirito publico, e foi outro grão mestre que teve a honra de referendar a lei, que é uma das maiores glorias para o Brasil, e um dos mais brilhantes triumphos para a humanidade.

Padre Manuel

Pois n'esse caso declaro que não sei por que se faz tanta guerra á maçonaria!

Angelo (rindo)

Ai! o padre Manuel! Querem vêr que se converte á rasão e que se faz maçon!

Padre Manuel

Não, lá isso não! Respeitem os meus escrupulos. Venero-a; e era bastante para isso pertencer-lhe um caracter tão honrado como o de Victor, mas já que cheguei a esta edade...

Victor

Nem por não seres maçon deixarás de ser menos virtuoso, nem menos honrado. A associação é voluntaria. Respeita os melindres, os escrupulos, e até os preconceitos de todos. A sua divisa é a tolerancia, que conquista affeições pelo proselytismo, e não deixa inimigos irreconciliaveis pela humilhação. Mas, padre Manuel! quando alguem te disser mal da maçonaria....

Padre Manuel

Dir-lhe-ei que busque primeiro conhecel-a para a avaliar depois, lá isso prometto-te! (Outro tom.) Mas nós ficamos aqui a palestrar?

Victor

Minha filha, tudo está preparado para receber os teus hospedes?

Deolinda

Tudo está prompto, meu pae, como está sempre. Só mais algumas flôres são a nossa festa. As flôres casam-se bem com as crenças. As nossas meninas estão a começar a refeição. Podem entrar e verão pobresa e aceio.

Victor

Leva antes a tua nova asylada ao refeitorio, que nós já lá vamos.

Angelo

Eu acompanho vossa excellencia. É das minhas attribuições. Venha, minha menina. (Toma a menina e sáem os tres, depois de Ricardo ter beijado muito a filha.)

SCENA III

Os mesmos, menos Deolinda e Angelo

Victor (ao padre Manuel)

Tu fazes-me o favor de ir buscar o Sebastião ao collegio?

Padre Manuel

Com todo o gosto. É bom que o rapaz assista a estes actos.

Ricardo

Que lhe hão de formar o moral.

Victor

E o meu Leopoldo virá?

Padre Manuel

Aquelle espirito soffre profundamente.

Ricardo

Quem havia de dizer que aquella energia de caracter...

Victor

Quando a paixão, qualquer que ella seja, se aninha no coração, nem os mais fortes resistem.

Padre Manuel

Elle anda com idéas de partir!

Victor

É bom! Custa-me, mas reconheço que os trabalhos e cuidados da viagem podem trazer-lhe a serenidade.

Ricardo

Até o seu desejo era que houvesse guerra n'algum ponto, para lhe ir affrontar os perigos.

Victor

Desejo insensato e impio.

Padre Manuel (rindo)

Que a maçonaria condemna, a estas horas. Querem vêr?

Victor

Sim! que a maçonaria condemna. Não o digas rindo.

Padre Manuel

Theorias humanitarias!

Victor

Que procuramos realisar, tanto quanto cabe em nossas forças! Pergunta aos maçons da Alsacia-Lorena quantos esforços empregaram, como que tomados de triste presentimento, para que não rebentasse a guerra! Eram esforços de pigmeus ao pé de resoluções de gigantes, bem sei! mas affirmaram o santo principio! Depois a maçonaria provou ainda a fidelidade ás suas doutrinas, buscando attenuar os desastrosos effeitos da luta! Todos os edificios maçonicos da Allemanha se converteram em hospitaes e todos os medicos filiados na maçonaria foram prestar soccorros aos feridos sem distincção de paiz.

Padre Manuel

Isso é verdade?

Victor

É! e o que ainda é mais! Os maçons prussianos souberam calar de tal maneira o sentimento do seu patriotismo victorioso, que trataram com inexcediveis distincções os maçons francezes, tanto nos hospitaes como nos depositos de prisioneiros; e pelo seu lado, os maçons francezes, impondo silencio aos seus odios pelos vencedores, á sua humilhação de vencidos, ao seu orgulho patriotico, não se recusaram a prestar testemunho de gratidão aos seus irmãos allemães. Que outra instituição faria isto? Que outra asso-

ciação conseguiria assim manter os sentimentos fraternaes da humanidade, sem quebra dos sentimentos do amor patrio?

Padre Manuel

Tu dás-me a tua palavra de honra, que a maçonaria fez isso?

Victor

Dou!

Padre Manuel

É mais um motivo para eu a admirar! que mais queres?

SCENA IV

Os mesmos, Victorina, Cassilda e padre Francisco

Padre Francisco

Ora graças a Deus, que finalmente venho a uma festa de gente christã! isto já cheira a religião! Nem tenho conciliado o somno depois d'aquella surpresa no covil dos pedreiros livres!

Victor

Minha senhora! Adeus, padre Francisco. (A Cassilda, que vem de luto pesado.) Minha filha, como está?

Cassilda

Como deve suppor! Pungida pelo remorso.

Padre Francisco

Eu já lhe tenho dito, que se ponha bem com Deus, que se reconcilie com a santa madre egreja, que tem remedio para todos os peccados.

Victorina

A religião é um santissimo conforto...

Victor

E é. Mas socegue o seu espirito.

Cassilda

Não! nunca me esquecerei que meu marido expirava re-

pentinamente quando eu... (tapando os olhos com as mãos.) Abençoava-me talvez na hora extrema, quando eu ia a esquecer o que lhe devia. Não são lagrimas hypocritas de uma saudade que não posso sentir, é pranto sincero de arrependimento.

Victor

Valha-me Deus! não se afflija assim! Quer fallar á Deolinda? Eu vou chamal-a.

Padre Manuel

E eu vou buscar o pequeno.

Ricardo

E eu vou vêr se o Leopoldo vem!

Cassilda (comsigo)

Elle! Oh! meu Deus, dae-me forças!...

Victorina

Então! Ora para que quiz vir aqui?

Cassilda

Quiz. Era uma festa de caridade, e o sr. Castro pediu-me que viesse.

Victor

Ha de distrair-se. Verá. Vou chamar-lhe a sua amiga. (Sáem os tres.)

SCENA V

Victorina, Cassilda e padre Francisco

Victorina

Olhe, menina, não foi por meu conselho, que cá veiu, não! Siga o caminho que lhe eu indico e verá como tem tranquillidade de consciencia.

Padre Francisco

E até bom appetite. Olhe que eu estive dois dias sem comer, mas agora á força de orações já vou melhorsinho.

Victorina

Não tem ouvido o que o meu padre confessor lhe tem dito? É o remedio!

Cassilda

Talvez! É talvez! Sinto a garra do remorso a opprimir-me, mas hesito ainda.

Padre Francisco

Isso é o espirito mau que tem no corpo. É preciso exorcismal-a, reconcilial-a com o Senhor, e ensinar-lhe a fazer penitencia, para que entre expurgada do peccado no seio da religião, *quia peccavi nimiis, cogitatione, verba et opera.*

Victorina

Verá como alli se vive bem, como será bem acolhida.

Cassilda

Pois sim! Mas deixem-me consultar primeiro o sr. Victor de Castro.

Victorina

O que? pois a palavra d'esse excommungado, d'esse impio, tem para a menina mais peso do que a das pessoas religiosas, que querem a sua salvação?

Cassilda

Tem; não o nego! A nobresa d'aquelle caracter tomou sobre o meu espirito um ascendente, a que me não esquivo, nem me quero esquivar. Depois, tem sido tão bom e tão sollicito em conselhos para comigo! Quero contar-lhe a minha resolução e doar os meus bens a este asylo, que são os cuidados da Deolinda, da minha boa Deolinda!

Victorina

Ai! que perdeu o juizo! Entregue o que tem aos bons e virtuosos padres, para elles lhe darem applicação util á sua alma. Tinha que vêr, se ia confiar uma fortunasinha muito regular aos pedreiros livres!

Padre Francisco

In nomine patris et filii et...

Cassilda

Mas não os empregam elles em boas obras?

Victorina

Para fazerem alarde! Pois não me disseram hontem que até tencionavam subscrever para a edificação do recolhimento das irmãs de caridade portuguezas! Veja isto, veja se ha desaforo semelhante!

SCENA VI

Os mesmos, Victor e Deolinda

Deolinda

Cassilda! (Correndo a ella e abraçando-a com effusão.)

Cassilda

Minha menina! (Retribuindo-lhe e com lagrimas.)

Padre Francisco

O dinheiro dos pedreiros livres na casa de Deus! *abrenuntio!* Mas as irmãs regeitam?...

Victorina

Não! lá o dinheiro todo é um! tudo quanto vem é ganho. O que me indigna é a acção d'elles! metterem-se onde não são chamados, para se fingirem compadecidos... por virtude.

Victor

Eu não sei se é por virtude. É por um sentimento bom. Aquellas pobres senhoras, fanatisadas pelo jesuitismo, arrancadas do seio da familia pelas fascinações do martyrio e da devoção, não podem ser condemnadas a viver sem ar, sem luz, sem conforto, e a morrer de morte cruel e ingloria como ovelhas em insalubre redil. Se a sua religião applaude isso, a nossa não! Respeitamos e deploramos as pobres martyres, levamos-lhes os balsamos da philanthropia.

Padre Francisco

Oh senhores! agora até se trocam os nomes ás coisas.

D'antes a caridade chamava-se caridade e só os bons catholicos apostolicos romanos a praticavam, como a praticam ainda hoje. Agora chamam-lhe phi... phil... como diacho é que lhe chamam?

Victorina

Philanthropia, que é a palavra moderna para uso dos pedreiros livres!

Victor

Até a pobre palavra lhes faz mal! que excesso de intolerancia!

Padre Francisco

Pois nós podemos lá ser tolerantes para os inimigos jurados da nossa santa religião? (Padre Francisco fica fallando com Victor.

Cassilda

Ai! não imaginas como tenho soffrido, menina!

Deolinda

Ha um conforto para os que soffrem! Fazer bem!

Cassilda

Mas a beneficencia não cala a voz do remorso.

Deolinda

É tão santa a sua alegria, que traz o esquecimento de todas as maguas! Julgas que não soffro tambem? Que não preciso impor silencio a um sentimento que me alborota? Ah! Cassilda! quem havia de dizer como as desgraças se acastellaram nos horisontes da nossa vida!

Cassilda

Tu ainda tens esperança, mas eu...

Victorina

Tem o conforto da religião, que nunca lhe faltará.

SCENA VII

Os mesmos e Angelo

Angelo (vem com duas creadas do asylo, manda-lhes tirar as flôres que estão espalhadas sobre as mesas, dá-lhe outras ordens e as creadas sáem cada uma por seu lado.)

Minhas senhoras! (Apertando as mãos a Victorina e Cassilda.) Agora se vossas excellencias querem visitar o asylo?

Victorina

Sim, vamos!

Angelo

E verá que progressos as asyladas têm feito este anno, tanto em trabalhos de costura, como em instrucção.

Victorina

Mas estou em dizer, que ha aqui muita educação, muita litteratice, mas que a respeito de religião... Não se me dá de apostar que não ha nenhum sacerdote encarregado da educação moral d'estas creanças, que vivem para ahi como os brutinhos no monte.

Deolinda

Ha.

Victor

E muito seu conhecido!

Victorina

Quem?

Victor

O padre Manuel.

Victorina

Eu logo vi! O liberalão!

Victor

Sim! o padre exemplar e illustrado, que compreende a religião do Christo, como ella é na sua augusta pureza, e que, diffundindo no animo das creanças o sentimento religioso tão necessario á mulher, tão efficaz para cimentar a

felicidade da familia, lhes afugenta as trevas do fanatismo, pela verdadeira e sã instrucção.

Padre Francisco

Tambem nunca percebi para que serve a instrucção, e para que estes senhores andam sempre a encher a bocca com a instrucção! É uma mania! Em havendo medicos instruidos para nos curar, doutores para tratar das demandas e prégadores para explicar a palavra de Deus, que mais é preciso? De que serve uma praga de jornalistas, que envenenam o povo? Não a mim, que eu nunca os leio. De que servem mulheres instruidas?

Victor

De quê, padre Francisco? de se não deixarem dominar pela reacção, que tem por auxiliar poderoso a ignorancia, de compreenderem a sua missão, de apreciarem a sublime religião do cruxificado, sem que seja mister que os outros lh'a expliquem!

Padre Francisco

Mas para que servem os padres então?

Victor

Os maus e os ignorantes para nada, decerto; agora os bons, os illustrados, os que não vivem manietados pela hypocrisia, escravisados pelo fanatismo, os que não renegam do progresso, nem são apostolos das trevas, os que sabem acender na alma dos fieis a consciencia dos seus deveres, os que lhes ensinam a serena resignação e a doce esperança nas horas do soffrimento, os que pelo conselho e pelo exemplo lhes temperam os impetos das ruins paixões, esses são sempre bem vindos ao seio da sociedade!

Padre Francisco

Mas então que fazem os padres senão isso, obrigando ao cumprimento dos deveres pelo salutar temor das penas do inferno, onde se arde em pez derretido e enxofre queimado?

Victor

Blasphemia! Esse Deus inexoravel, esse juiz sem misericordia, esse rei dos céus que domina pelo terror, não é,

não póde ser o pae do doce scismador das margens do Genesareth, do loiro philosopho. que attraia as multidões pelo amor, do generoso martyr do Golgotha, que expirava com uma phrase de perdão nos labios!

Padre Francisco (muito atrapalhado, e sem saber o que ha de responder)

Ó senhor! o senhor está a confundir tudo! O cathecismo lá diz: «e em Jesus Christo seu filho unico, o qual está sentado á mão direita de Deus padre». (Victor fica hesitante sem saber que dizer.)

Victorina (vindo em soccorro da situação)

Deixemos essas tagarelices. O padre Francisco tem rasão. Isto são uns atheus! Vamos visitar as camaratas e o refeitorio. Vem, D. Cassilda?

Cassilda

Se me dispensam, desejava fallar com o sr. Castro.

Victorina

Como queira! (Baixo.) Mas cautella! não se deixe embair. (Alto.) Padre Francisco, então vem?

Padre Francisco (entre si)

Elle lá diz bem claro: «O padre é Deus? é! O filho é Deus? é!...» então para que está elle lá com aquellas trapalhadas todas?

Victorina

Padre Francisco, vamos ao refeitorio?

Padre Francisco (que não tem dado attenção)

O quê? jantar já?

Deolinda (com meiguice)

Não, meu bom padre Francisco. Visitar o nosso asylo, venha.

Padre Francisco

Vamos lá! (Sáe Deolinda, Victorina, Angelo e padre Francisco.)

SCENA VIII

Victor e Cassilda

Victor

Aqui estou ás suas ordens, prompto para ouvir a minha filha, que é boa e condescendente aos meus conselhos.

Casssilda

Basta ser pae d'elle para que eu o respeite e lhe queira.

Victor

Pois bem! Escute. Precisa volver á vida e á alegria pela pratica do bem! Desejo interessal-a n'esta obra. Sei que a magoei profundamente, filha, mas era dever meu proceder assim.

Cassilda

Salvou-me da vergonha, mas não do remorso, meu pae. Agora cumpre-me completar a sua obra. Salval-o a elle, afastando da sua vista esta fascinação, que o ia perdendo. Deus ha de me dar forças para esta dolorosa despedida; que lh'o tenho pedido com fervor.

Victor

Que tenciona então fazer?

Cassilda

Sabe como repentinamente falleceu meu marido, n'aquella noite fatal. (Abaixando os olhos.) A minha viuvez, se não é triste pela saudade, é triste pelo arrependimento. Não ignora que Leopoldo quiz redimir o seu erro, propondo-me o casamento, apenas findasse o lucto?

Victor

Bem sei.

Cassilda

A nobreza d'aquella alma queria resgatar a falta commum. Mas a nós dois interpunha-se a sombra vingadora de meu marido. Eu, que havia peccado, que estivera á beira do abysmo, não podia ter por premio a felicidade. Se Deus

é bom e justo, amaldiçoaria este enlace! Devia recusar. Recusei. Deus sabe quanto me custou, mas a consciencia deu-me forças. E creia-me, meu pae, fui mais leviana do que má. Na vida um só homem amei, por um só homem ia perder-me. Era seu filho. Agora quero dizer-lhe adeus, e recolher-me ao seio da penitencia.

Victor

Louvo o seu proceder, minha filha! Não ha erros, por mais graves, que o arrependimento não resgate. E o seu espirito conturbado precisa repousar e buscar tranquillidade no recolhimento e na concentração das suas proprias maguas. Mais tarde decidirá do seu destino...

Cassilda

O meu destino está resolvido. Abraçarei o bom conselho da D. Victorina. Doarei todos os meus bens a este asylo, e irei morrer no esquecimento no instituto de S. Vicente de Paula, em França.

Victor (com explosão)

Que diz, Cassilda? que estranha resolução é essa?

Cassilda

Pequei muito. Pequei por pensamentos. Offendi cruelmente os ultimos instantes da vida de meu marido. Quero pela penitencia remir os meus peccados.

Victor

É conselho da D. Victorina?

Cassilda

É conselho, que o meu espirito acceita com regosijo!

Victor

Oh! como o abutre espreita a presa! Como elles exploram os corações desvairados pela dôr, para os empolgarem facilmente. (Com certa ironia.) E diga-me, é da D. Victorina tambem o conselho de doar os seus bens a este asylo?

Cassilda

Não é. N'este ponto apenas me desviei da sua indicação.

Ella dizia-me que os entregasse ao instituto, que faria d'elles o melhor uso para o bem da minha alma. Eu porém presinto que, entregando-os a meu pae, doando-os a este estabelecimento, lhes dou muito melhor applicação. É a minha derradeira vontade. Satisfaz-m'a?

Victor

Não, minha filha! Commoveram-me os seus sentimentos, e admiro a nobreza d'elles. Não lhes sacrifique porém mais do que deve. Essas extremas resoluções, que o desvairamento aconselha, não representam a caridade. Fique no mundo, onde tem muita desgraça a consolar, muitas lagrimas a mitigar, muito bem a fazer. Administre os haveres que são seus, e pratique por suas proprias mãos a caridade. O dinheiro é a parte menor da esmola. O amor com que se dá e as consolações de que se acompanha é que lhe dão realce. Levante o seu espirito abatido e reflicta.

Cassilda

As suas palavras influem tanto no meu animo! tanto! mas apesar d'isso sinto uma tal fascinação por esta morte lenta, que a religião me prepara, que...

SCENA IX

Os mesmos, padre Manuel e Sebastião

Padre Manuel

Aqui está o nosso Sebastião.

Victor (rapido a Cassilda)

Vieram interromper-nos. Por Deus! não resolva nada sem fallar comigo!

Cassilda

Prometto-lh'o.

Sebastião

Bons dias, sr. Castro. Minha senhora!

Victor

Meu Sebastiãosinho! Quer vêr o seu padre Francisco?

Olhe, entre por ahi dentro, que o encontra. Vá. (Encaminhando-o para a porta do fundo.)

SCENA X

Victor, Cassilda, padre Manuel, Leopoldo e Ricardo

Padre Manuel

Ahi vem o Leopoldo.

Cassilda

Ah!

Victor

Quer retirar-se?

Cassilda

Prefiro ficar. Para que ha de addiar-se este lance cruel? (Entra Leopoldo e Ricardo.) Como vem abatido! Meu Deus! dae-me forças!

Leopoldo

Minha senhora! Meu pae! (Beijando-lhe a mão.)

Victor

Leopoldo!

Leopoldo

Desejou que viesse á festa, aqui me tem, meu pae. Vê que sou obediente.

Victor

Nem outra coisa podia esperar de ti, filho. E serias ingrato se faltasses á recepção da filhinha do Ricardo.

Leopoldo

Bem sei! mas elle perdoava-me, porque sabe quanto soffro. Tem sido tão bom e tão affectuoso! E Angelo? Que bom amigo! que extremos de dedicação! Nem um só momento me têm deixado os dois.

Victor

Bons irmãos! Vês que a fraternidade maçonica, não é uma chimera.

Ricardo

Não temos feito mais do que o nosso dever, cumprindo os preceitos da ordem.

Leopoldo

Pois sim! As palavras seriam agora ociosas! Guarde-se cá no intimo o que sinto. (Aperta-lhe a mão com effusão.) Cassilda! minha irmã pelo soffrimento, deixe-me ainda uma vez pedir-lhe perdão antes de lhe dizer o adeus, que talvez seja eterno. Vou partir, quem sabe se para não mais voltar! Ainda pela derradeira vez lhe pergunto: Quer enlaçar ao seu o meu futuro?

Cassilda (muito commovida)

É impossivel, meu amigo. Já lhe expliquei bastante os motivos d'esta recusa. Creia que o estimo com sincera gratidão!

Leopoldo

Cassilda! lembre-se que a felicidade de duas pessoas pende dos seus labios. Porque não profere uma palavra?

Cassilda

Porque não posso! Illude-se, Leopoldo! Essa palavra seria a sentença da desgraça. Eu não sou digna da felicidade! Mas não parta, meu amigo. Seu pae e sua irmã estendem-lhe os braços, a prendel-o aqui. Eu, que não tenho prisões algumas, eu, que fui a causadora da desgraça commum, é que devo dizer-lhe adeus!

Leopoldo

O que? Partir! Cassilda, partir! E julga acaso que eu ficaria tranquillo, sabendo que partia? Ó meu pae! ó meus amigos, juntem as suas ás minhas supplicas! Onde vae, Cassilda?

Victor (rapido)

Tomou a louca resolução de fugir para França, para entrar no instituto das irmãs de caridade.

Cassilda

Porque lh'o disse?

Victor

Porque quero impedir tal resolução.

Leopoldo

Expatriar-se, expatriar-se por me fugir! De tal modo me

detesta, Cassilda? Tanta aversão me tem, que só em terra estranha se julga bem afastada de mim? Não! n'esse caso, fique. Se é preciso que eu não volte, se é preciso que eu renuncie á patria, que eu vá offerecer os meus serviços a estranhos, seja ditosa, que não mais me ha de vêr!

Victor (tomando a mão de ambos)

Meus filhos, attendam bem no que lhes digo! Cegou-os primeiro a paixão, cega-os agora uma falsa rivalidade de abnegações e sacrificios. Se não podem construir a felicidade perdida, não destruam n'um impeto de loucura o futuro, que lhes não pertence! Abandonarem a patria! trocarem por estranha terra a terra que os viu nascer! Não sabe, Cassilda, que aqui dormem o somno eterno, no seu leito de pedra, um pae que a adorou, uma mãe que a estremeceu? quer deixar essas sombras queridas? quer entregar a estranhos ou mercenarios o cuidado de plantar saudades em torno d'essas campas, que devem ser sagradas para o seu amor filial? E tu, Leopoldo? Não sabes que ao filho não é licito renegar sua mãe? Não sabes que o maçon tem por dever o sentimento do patriotismo? Vae! parte, porque partes no serviço do teu paiz. Se elle acaso por infelicidade reclamasse o teu sangue, devias correr em sua defesa; mas no remanso da paz, tambem lhe póde e lhe deve ser util o valor do teu braço e o esforço da tua intelligencia! Não esperava tão cedo abrir de novo o coração á saudade da tua partida. É para bem teu! Vae! Fica-me em teu logar uma nova filha. (Apertando Cassilda.) Olhem, meus filhos! Das tres associações cosmopolitas, que chegaram até nós, a internacional, no seu desvairamento socialista, quebra os laços do amor da patria; o jesuitismo, na sua indole absorvente e dominante, quebra os laços do amor da familia; e só a maçonaria ensina o respeito devido á familia e á patria, e cimenta sobre estes santos amores, como em base solida, o santissimo amor da humanidade. E tu, Leopoldo, fallas em expatriar-te! e tu, Cassilda, fallas em cortar os laços da familia!? Não! mil vezes não!

Cassilda

Mas, meu pae! Se eu não tenho familia!

Victor

Tens a minha. Serás a irmã de Deolinda, serás a filha d'este pobre velho, que vae por alguns annos chorar saudoso pelo filho ausente!

Cassilda

Meu pae! meu pae! Porque não me amparou sempre a sua mão generosa?

SCENA XI

Os mesmos, Victorina, Sebastião, padre Francisco, Cassilda e Angelo

Victorina (entrando desembaraçadamente)

Visitámos tudo. E tudo está muito aceiado. Sim senhores!

Padre Francisco

Eu o que levo atravessado nas guelas é o refeitorio. Que casa tão alegre! E com que appetite as creanças comiam! Podera!

Victorina

Ai! o Leopoldo por cá! (A Cassilda.) Então já se decidiu?

Cassilda

Estou cada vez mais irresoluta, minha amiga.

Victorina

Eu logo vi! Estas palestras com os pedreiros livres...

Ricardo

Que são pessimos homens. Erigem asylos...

Padre Francisco (aterrado)

O quê? este asylo tambem é obra dos pedreiros?

Ricardo

Baptisam os filhos dos pobres...

Padre Francisco

Misericordia! misericordia, meu Deus! não me livro dos

pedreiros livres! Apparecem-me por toda a parte! Até da pia baptismal me saem. *Quare conturbas me...?*

Victorina

Seita damnada!

Cassilda

As palavras d'este bom amigo impressionaram-me o espirito; por outro lado, não devo occultal-o, o flagello do isolamento considero-o como sacrificio pequeno ainda para a minha redempção.

Victorina

E que dúvida? Só no seio da santa madre egreja é que póde haver salvação. Só com ella é que se póde ser feliz! Dedicar-se ao serviço de Deus, que mais bella occupação?

Deolinda

Mas não póde, no seio da familia, a mulher cumprir mais santamente a sua missão? Perdôe-me: eu sou uma pobre mulher, que raciocino mais com o coração do que com a cabeça; mas sou tão feliz com a minha consciencia, cumprindo o meu dever, que desejaria que todos provassem d'esta felicidade serena que me inunda.

Victorina

A menina não sabe o que diz, não é cá chamada.

Cassilda (a Deolinda)

Ai! minha boa amiga! ai! minha irmã, quem me dera ter a suave candura da tua existencia! Mas não posso! Mas eu pequei!

Padre Francisco

Et peccatum meum contra me semper.

Victorina

Ó padre Francisco, ajude-me a convencer este espirito fraco de que a sua situação só póde ser resolvida pelo caminho que eu lhe ensino.

Padre Francisco (lambe os beiços, põe os olhos em alvo e começa a fallar em tom muito dogmatico)

Sim, menina! Os santos padres...

Victorina (interrompendo-o)

Não tem geito para nada! Tambem! O sr. padre Manuel é que devia estar do meu lado; mas aposto que não está.

Padre Manuel

Exactamente, minha senhora! Deixe a sr.ª D. Cassilda resolver como entender, e não queira coagir-lhe o espirito, abalado pelo soffrimento. Os conselhos do sr. Victor de Castro são santos e quem os seguir não se perde decerto!

Victorina

Oh! não fôsse o senhor tambem da seita dos pedreiros livres. Excommungado! Hei de denuncial-o, deixe!

Padre Manuel

D'isso é capaz a sua religião; mas eu resigno-me...

Padre Francisco (a Sebastião)

Ó meu filho, fuja, fuja sempre d'esta vil raça dos pedreiros livres, que assoberbam o mundo e dão cabo da religião.

Sebastião

Ai! meu padre mestre! Eu já não tenho medo dos pedreiros livres! São muito boas pessoas até! Isso são abusões que mettem na cabeça ás creanças lá na aldeia.

Padre Francisco (aterradissimo)

Mi... se... ri... cor... dia! Arrasa-se o mundo! Cae o fogo do céu sobre esta terra maldita. Até o meu discipulo me perverteram já estes malvados! Eu não fico aqui nem mais um instante, eu já não paro senão na minha aldeia. *Vade retro, diabolum, vade retro!* Volto para as couves e para o bacalhau, mas antes isso e a salvação da minha alminha... (Sae muito atrapalhadamente.)

Victorina

Decididamente! não ha que lutar com os senhores!

Victor

E não! porque temos pelo nosso lado a rasão e a justiça, que são a verdade eterna!

Cassilda (muito humilde)

Mas, meu pae, não amaldiçôe a sua filha, não queira mal á minha ingratidão. Deixe-me reconhecer indigna de tantos favores, deixe-me beijar-lhe as mãos generosas, mas deixe-me consummar o sacrificio.

Victorina

Isso! isso! É o espirito de Deus que illumina a sua alma! (Deolinda tem saído.)

Victor

Vá, minha filha! Quer fazer um egoismo para a sua dôr! Vá! Isole-se do mundo, onde deixa muitas desgraças sem conforto, muita orphandade sem pão, muitas lagrimas sem mão amiga que as console. Dir-me-á que tambem no instituto terá desgraçados que soccorrer; tem, quando lh'o mandarem, sem a espontaneidade que dá caracter ás boas acções: dir-me-á que tambem alli póde educar a infancia; póde, ensinando-lhe umas doutrinas, que não são suas, que lhe mandam transmittir como lhe podiam mandar que propinasse uma taça de veneno; e quando fôr benemerita da ordem, arrastará a sua inutilidade pelos oratorios e capellas dos opulentos! Vá! macere o corpo, e bestialise a alma pelo ascetismo. Para servir a Deus, abdique do espirito que elle lhe deu, da luz da rasão com que lhe illuminou a intelligencia! Quando vir passar as creancinhas, aquellas que o instituto não adoptar, nem lhe consentir que proteja, quando as vir passar sem mãe, sem educação, sem ensino de moral, pense que podia tomar o seu quinhão na santa incumbencia de as moralisar e instruir, e que não quiz. Lembre-se que a toda a mulher lançou Deus no coração uma porção de amor maternal, e que esse sentimento que, como diz Victor Hugo se revela em embryão na creança que acaricia a sua boneca, esse sentimento, que é uma religião completa para a mulher, este sentimento podem as menos felizes, que não constituem familia sua, diffundil-o pelas creancinhas, a quem a sorte privou da mãe natural!

SCENA XII

Os mesmos, Deolinda e ás educandas

(As educandas vem saindo a duas e duas, e Deolinda com ellas. Momento de suspensão.)

Deolinda

Aqui estão as minhas filhas, que vêm receber a sua nova irmãsinha. (Tomando a menina de lucto, que vem áparte.) Minha menina, abrace as suas companheiras, para que sempre sejam amigas, e boas umas para com as outras. (A pequenita abraça todas.)

Victor

Vê-as!? São tantas e têm uma só mãe. Não lhes falta o pão, nem os commodos que a vontade e a dedicação dos homens lhes póde dar. Falta-lhes o doce balsamo de caricias, que só a mulher tem para diffundir no seio das creancinhas. Fuja do mundo, Cassilda, fuja d'estas miserias, e vá prostrar-se inutilmente aos pés do altar!

Cassilda (cambaleia um momento, depois corre ás creanças, depois abraça Deolinda)

Deolinda! Deolinda! de hoje ávante as tuas filhas terão duas mães! Sim! sim, hei de querer-lhes muito. Hei de dar-lhes todo o amor, que sinto n'alma, e Deus ha de perdoar os meus peccados, porque buscarei diluir a nodoa d'elles com as lagrimas represadas no coração. Meu pae, abençôe sua filha. Minha irmã! abraça a tua irmã, e ensina-a pelo exemplo e pelo conselho a ser boa como tu! Agora meu irmão (para Leopoldo) parta! eu fico feliz. Desejo-lhe bem do intimo d'alma que regresse aos braços de seu pae, trazendo a felicidade, que eu lhe roubei.

Deolinda

E a esperança tambem.

Angelo

A esperança! quantos viverão d'ella! (Apertando a mão a Cassilda, que lhe retribue affectuosamente.)

Cassilda (a Victorina)

Minha amiga, perdôe-me. A felicidade e a consciencia prendem-me aqui!

Victorina

Sim! bem percebo! Estas cabeças leves! Oh! mas a culpa bem sei eu quem a tem!

Cassilda

Deixem-me adoptar esta creancinha, esta de lucto! Foi ella que me commoveu pela sua triste orphandade. Deolinda! abençoada sejas tu, por me haveres aberto o coração! (Abraçam-se.)

Sebastião

Eu até queria que o padre Francisco assistisse a esta scena, para ver se o reconciliava com a maçonaria!

Victorina

Tambem já o menino?

Deolinda

Minhas filhas, ergâmos ao soberano arbitro dos mundos um voto de gratidão pela felicidade, que hoje nos deu! (As pequenas ajoelham todas. Momento de concentração.)

SCENA XIII

Os mesmos e padre Francisco

Padre Francisco (começando a fallar, ainda fóra da scena)

Oh! senhores! não me ensinam por onde hei de sair para a rua, que ando ha mais de meia hora perdido nos corredores e até já duas vezes fui parar á cosinha! (Fica espantado pelo recolhimento da scena, e põe as mãos tambem em attitude de resar. Isto dura momentos apenas; Deolinda ergue-se, levantando-se tambem todas as creanças.)

Leopoldo (a Victor)

Abençôe seu filho, meu pae, abrace o seu irmão, meu irmão. Adeus! Parto com a resignação, voltarei com a esperança. Em toda a parte do mundo encontrarei os maçons de braços abertos para me receberem, em toda a parte po-

derei trabalhar em proveito da santa causa, a que todos nos devotamos. Vae travada uma luta tremenda para salvarmos a liberdade, que é o santo fanal que nos guia, para plantarmos a virtude, que é a arvore a cuja sombra nos acolhemos, para diffundirmos a instrucção, que é o sol que nos aquece e alenta. Vou partir, mas vou trabalhar com coragem e perseverança!...

Victor

Vae, meu filho. Nós ficaremos tambem na brecha, sem que nenhum fraqueje no cumprimento do seu dever. Serão rudes os combates que temos a travar, porque são muitos, diversos e poderosos os inimigos, que temos a combater. É a ti, (para Victorina) que és a hypocrisia e a intriga...

Victorina

Atrevido!

Victor

A ti, (para o padre Francisco) que és o fanatismo estupido....

Padre Francisco

Seja por amor de Deus!

Victor

A ti, (para Sebastião) que és a ignorancia alvar; a ti, (para Cassilda) que és o imperio das paixões; a ti, (para Angelo) que foste o egoismo; a ti, (para Leopoldo) que ias sendo a duvida; e até a ti, meu bom amigo, (para o padre Manuel) que és ainda o preconceito! E em tal empresa, fica-nos a esperança, que és tu (abraçando a filha) e com ella havemos de vencer, e por ella havemos de erguer bem puro altar á liberdade, que é o nosso anjo tutelar; porque a maçonaria irradia uma luz esplendida, que se chama a verdade, porque a maçonaria brande o facho deslumbrante da civilisação, a que a aza negra do archanjo das trevas, do espirito da reacção não consegue sequer empanar o brilho!

FIM.

This book should be returned
the Library on or before the last
stamped below.
A fine of five cents a day is incur
by retaining it beyond the speci
time.
Please return promptly.

DUE JUN 24 '49